

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA**

RAFAEL MATOS DE SIQUEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OS EXCLUÍDOS DA
HISTÓRIA: GUIA DIDÁTICO PARA PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Rio de Janeiro

2024



RAFAEL MATOS DE SIQUEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OS EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA: GUIA
DIDÁTICO PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Orientador Prof. Dr. Wolney Vianna Malafaia

Rio de Janeiro

2024

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S618 Siqueira, Rafael Matos de

As histórias em quadrinhos e os excluídos da história: guia didático para professores da educação básica / Rafael Matos de Siqueira. – Rio de Janeiro, 2024.

56 f.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de História) – Colégio Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Wolney Vianna Malafaia.

1. História - Estudo e ensino. 2. Histórias em quadrinhos - História e crítica. 3. Histórias em quadrinhos na educação. 4. Grupos sociais. I. Malafaia, Wolney Vianna. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 907

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 – 5692.

RAFAEL MATOS DE SIQUEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E OS EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA: GUIA
DIDÁTICO PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 25 de março de 2024.

COMISSÃO EXAMINADORA

Dr. Wolney Vianna Malafaia

Colégio Pedro II

Orientador

Dr. Paulo Vinícius Aprígio da Silva

EEH/CPII

Dr. João Braga Arêas

CPII

Rio de Janeiro

2024

RESUMO

SIQUEIRA, Rafael Matos de. **As histórias em quadrinhos e os excluídos da História: Guia Didático para professores da educação básica.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho tem por objetivo analisar as múltiplas possibilidades de utilização das histórias em quadrinhos para o ensino de História, utilizando como ponto de partida a perspectiva de personagens excluídos da História. Para tanto, fizemos uma discussão sobre a História das histórias em quadrinhos no Brasil e no mundo, assim como discussões teóricas e técnicas sobre a arte quadrinística. Para isto, utilizamos como base o livro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, organizado por Waldomiro Vergueiro, texto fundamental para compreender as potencialidades do uso desta arte no ensino. Além das reflexões teóricas, apresentamos um Guia Didático para que professores de História da educação básica possam utilizar as HQs para trabalhar com grupos sociais silenciados do processo histórico tradicional. Pensando nisto, analisamos no Guia seis histórias em quadrinhos que discutem temas relacionados às mulheres, crianças, afro-descendentes, judeus e muçulmanos.

Palavras-chave: Ensino de História; histórias em quadrinhos; excluídos da história; guia didático.

ABSTRACT

SIQUEIRA, Rafael Matos de. **As histórias em quadrinhos e os excluídos da história: guia didático para professores da educação básica.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2024.

The present work aims at analysing the multiple possibilities of the use of comic books for the teaching of History, having the perspective of excluded characters as a starting point. We had an analysis of the History of comics in Brazil and in the world besides theoretical and technical discussions on the comics art and the insertion of this media in education. We used “*Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*”, organized by Waldomiro Vergueiro, fundamental for our understanding of the possibilities of the use of this art form in teaching. Besides the theoretical discussion, we presented a teaching guide for History teachers in basic education to use with social groups traditionally silenced in the historical process. For this purpose, we analysed, in the teaching guide, six comic books which discuss themes related to women, children, African descent, jews and muslim.

Key words: Teaching History. comic books. excluded from history. teaching guide.

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 - Quadrinhos de M. Vieux-Bois.....	12
Figura 2 - Quadrinhos de Down Hogan's Alley.....	12
Figuras 3 e 4 - Capitão América e Superman lutando contra Hitler.....	14
Figura 5 - Primeira edição de <i>As Aventuras de Nhô-Quim</i>	16
Figura 6 - Logo da primeira edição de <i>Gibi</i>	17
Figura 7 - <i>Série Sagrada</i>	18
Figura 8 - <i>Ciências em Quadrinhos</i>	18
Figura 9 - <i>Grandes Figuras</i>	18
Figura 10 - Editoras com maior número de títulos publicados em 2022.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 AS ORIGENS E LINGUAGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	11
2.1 As Origens das Histórias em Quadrinhos	11
2.2 A história dos quadrinhos no Brasil.....	15
2.3 Entendendo a linguagem dos Quadrinhos: Arte Sequencial, Graphic Novel ou Literatura?.....	20
3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO	24
3.1 Quadrinhos e Ensino de História	24
3.2 Os excluídos da história como protagonistas na sala de aula	29
4. PRODUTO PEDAGÓGICO	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54

1 INTRODUÇÃO

Superman, Asterix, Tintim, Mafalda, Homem-Aranha, Mickey e Mônica. Estes personagens populares têm em comum a mesma origem: terem nascido nas histórias em quadrinhos. Essa linguagem, surgida no final do século XIX com o personagem Yellow Kid, e desenvolvida ao longo do século seguinte por diversos artistas, continua sendo amplamente popular entre os jovens, devido a recente popularização do gênero dos super-heróis no cinema.

Apesar de simples, a arte dos quadros dispostos em sequências, com ou sem balões de falas, contribui muito para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, além de ser uma excelente fonte para utilização nas aulas de história. É pensando nisso que desenvolveremos um guia didático voltado para professores, com exemplos práticos de como utilizar esse tipo de linguagem nas aulas de História.

Com relação às formas de utilizar os quadrinhos em sala de aula, Waldomiro Vergueiro afirma que não existem regras.

Pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. Eles tanto podem ser utilizados para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação. (VERGUEIRO, 2004, p. 26)

Dessa forma, a criatividade do professor é um dos fatores fundamentais para uma melhor utilização das histórias em quadrinhos no ensino de História. Além disso, é necessário que o professor tenha familiaridade com a linguagem dos quadrinhos, conhecendo seus principais teóricos e a evolução histórica dessa forma de representação, temas que serão analisados no guia didático com base nos textos de Will Eisner, Thierry Groensteen, Paulo Ramos e do próprio Waldomiro Vergueiro.

Tendo como base a corrente historiográfica da “História vista de baixo”, desenvolvida pelo historiador britânico E. P. Thompson, este guia tem como objetivo dar voz a sujeitos excluídos da história tradicional, a exemplo das mulheres, das crianças, dos judeus e da população afro-brasileira. Para isto, este guia utilizará os escritos da historiadora francesa Michelle Perrot (2017), organizados no livro *Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*.

As seis obras presentes no guia didático foram selecionadas por apresentarem ampla diversidade de temas e abordagens para o ensino de História, todas apresentando uma narrativa

que dá voz a grupos tradicionalmente excluídos da História. São três sobre História do Brasil: *Cumbe* (quilombos, afro-brasileiros e africanos), *A infância do Brasil* (infância e criança) e *Estórias gerais* (coronelismo e povo sertanejo).

Já as obras analisadas com temática variada sobre História Geral são: *O complô: a história secreta dos Protocolos dos Sábios do Sião* (antissemitismo e população judaica), *Lanterna verde-Arqueiro verde* (História dos Estados Unidos e movimento dos direitos civis) e *Persépolis* (Revolução Iraniana e mulheres).

Além dessas seis histórias em quadrinhos, ao final do guia apresentaremos uma lista de outras obras recomendadas, contendo, em cada uma delas, os conteúdos de história, as séries de aplicação e os excluídos da história representados em cada título.

O presente trabalho tem como principal objetivo a produção de um guia didático, para utilização por professores da educação básica, no qual serão apresentadas as potencialidades pedagógicas da utilização das histórias em quadrinhos como forma de recurso didático nas aulas de História.

Além disso, pretendemos compreender a linguagem das histórias em quadrinhos e analisar as potencialidades interdisciplinares e transdisciplinares desse tipo de linguagem. Para alcançarmos estes objetivos, faremos uma análise de seis obras selecionadas no contexto dos personagens excluídos da história, destacando o papel de grupos minoritários da História do Brasil e do mundo. Por fim, explicaremos os possíveis usos das histórias em quadrinhos analisadas, demonstrando exemplos de atividades práticas para serem realizadas com os alunos em sala de aula.

Quanto à relevância do projeto, por se tratar de um tema bem atual e popular entre boa parte dos jovens, principalmente dos grandes centros urbanos, acreditamos que as histórias em quadrinhos, principalmente as de super-heróis, possam despertar o interesse nos alunos para o estudo de história pois, ao ler e analisar essas fontes, os alunos poderão ao mesmo tempo se divertir e aprender seus significados e contextos históricos de forma lúdica.

Além disso, o interesse pessoal por esse tipo de linguagem também foi um fator fundamental para o desenvolvimento deste projeto. Acostumado com a leitura de “gibis” desde a infância, quando recebi os primeiros exemplares da “Turma da Mônica”, as histórias em quadrinhos sempre fizeram parte da minha vida, principalmente nos anos em que trabalhei como vendedor em uma livraria e era responsável pelo setor de quadrinhos. Dito isto, acreditamos que este guia didático seja útil para os professores que tenham interesse em utilizar esse recurso em sala de aula.

Com relação à viabilidade do projeto, entendemos que seja viável pois todas as obras que serão analisadas no guia didático possuem acesso relativamente fácil e estão disponíveis para compra atualmente pela internet, sejam novos ou usados, o que facilita sua aquisição e utilização pelos professores. Apesar de já existirem diversos textos que apresentam as potencialidades da utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula, acreditamos que este guia didático possua o diferencial em sua seleção de obras, uma vez que todas elas abordam um tema ou grupo social que tradicionalmente é excluído e pouco citado na História convencional.

Para o ensino de história, o presente trabalho usará como referência autores como Donald Schön, Antoni Zabala, Flávia Caimi e Celso Vasconcelos. As reflexões destes autores com relação à prática pedagógica serão fundamentais na produção deste guia didático. Em *A prática educativa*, Zabala (1998) defende sua visão sobre o ensino/aprendizagem na qual define a função social do ensino e delimita os diferentes processos de aprendizagem dos conteúdos (factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais). Acreditamos que todos esses conteúdos podem ser ensinados com a utilização das histórias em quadrinhos, assim como defendemos a necessidade da constante reflexão sobre o processo educativo, seguindo o conceito de “reflexão-na-ação” de Schön (1992) através de seu “professor reflexivo”.

De acordo com Flávia Caimi (2015), para ensinar História o professor deve saber o que ensinar (conteúdo), como ensinar (forma) e para quem ensina (alunos). Os três elementos são fundamentais para o processo pedagógico e devem ser trabalhados com a mesma intensidade, sem privilegiar um em detrimento do outro, para que o conteúdo seja plenamente assimilado pelo aluno. Deste modo, tanto a forma, quanto o conteúdo são imprescindíveis e devem ser dominados pelo professor para que sua aula ocorra da melhor maneira possível. Aqueles que privilegiam puramente o conhecimento teórico de História, ou seja, o conteúdo, mas não sabem a melhor forma para aplicá-lo, encontram-se frente a um “obstáculo epistemológico” que só pode ser superado na medida em que o professor encontre uma maneira de equilibrar na mesma proporção seu conhecimento sobre a forma e sobre o conteúdo do ensino-aprendizagem.

Esse “obstáculo epistemológico” é comum aos jovens professores da educação básica, pois ainda não detêm a experiência e a prática, fundamentais para o desenvolvimento pedagógico do professor. Contudo, esse obstáculo também é frequente no ensino superior, tendo em vista que muitos professores tendem a privilegiar o conteúdo acadêmico da História sem se preocupar com a forma com que o assunto é ensinado, o que ocasiona uma aula amplamente conteudista e difícil de ser assimilada. Como informa Caimi (2015), uma das formas de superar esse obstáculo é ir além dos saberes da forma e do conteúdo, e conhecer melhor a realidade dos alunos. Segundo a autora, “para ensinar História a João é preciso saber

de ensinar, de História e de João”, pois de nada importa um amplo conhecimento do conteúdo e de metodologia pedagógica se o sujeito principal da aprendizagem, o João, não for conhecido pelo professor. Faz-se necessário, portanto, um diálogo maior entre educador e educando.

Ao analisar essa relação professor-aluno, Celso Vasconcellos (1992) tece uma crítica à metodologia expositiva de aprendizagem. Segundo o autor, essa metodologia privilegia a transmissão do conhecimento de forma unilateral e de “cima para baixo”, desconsiderando as trocas e os saberes dos educandos. Crítica similar foi realizada por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, na qual o pedagogo atacava de forma veemente a educação verticalizada e tradicional, definida por ele como “educação bancária”, uma educação em que o professor apenas depositava informações nos alunos de forma impessoal e acrítica.

Dessa forma, buscando um maior conhecimento da realidade e das experiências dos educandos, Celso Vasconcellos (1992) defende a metodologia dialética de conhecimento, uma metodologia que valoriza as trocas entre os sujeitos da ação educativa. Um exemplo possível para a aproximação professor/aluno em uma aula de História seria a valorização dos conhecimentos dos educandos sobre personagens de histórias em quadrinhos, mais especificamente os “super-heróis”, tão populares nos dias de hoje devido ao cinema. Portanto, entendemos que as histórias em quadrinhos são uma excelente forma de aproximar o professor a “João”, e este guia didático para professores poderá contribuir para isto.

2 AS ORIGENS E LINGUAGENS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

2.1 As Origens das Histórias em Quadrinhos

Eu desconfiava:
 Todas as histórias em quadrinhos são iguais.
 Todos os filmes norte-americanos são iguais.
 Todos os filmes de todos os países são iguais.
 Todos os best-sellers são iguais.
 (...)

Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.

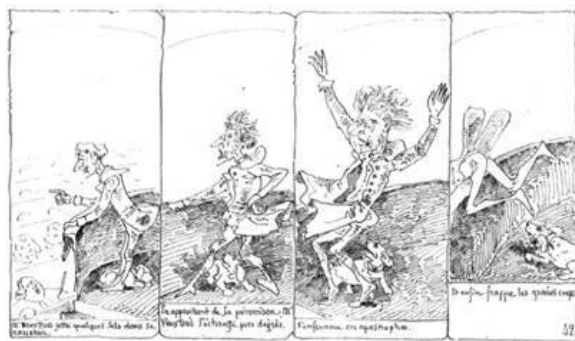
Ninguém é igual a ninguém.
 Todo ser humano é um estranho
 Ímpar.

Carlos Drummond de Andrade

Muitos são os debates teóricos de especialistas para determinar a origem definitiva das histórias em quadrinhos. Waldomiro Vergueiro (2004) faz uma longa viagem à pré-história para identificar semelhanças com as pinturas rupestres, em que é possível observar uma história sendo contada através de duas ou mais imagens gráficas, sendo possível prever um movimento pela análise progressiva dos desenhos, em geral representando caçadas bem-sucedidas.

Como podemos observar, embora as origens dos quadrinhos modernos sejam creditadas na Europa à obra *M. Vieux-Bois*, em 1827, do suíço Rodolphe Topffer (SANTOS, CRUZ e HORN, 2011), e os primeiros coloridos e com balões à *Down Hogan's Alley*, em 1895, do norte-americano Richard Outcault, a definição de uma origem primordial dessa arte é um desafio até mesmo para grandes teóricos dos quadrinhos, como podemos constatar na afirmação de Thierry Groensteen:

Desde as estrelas, dos afrescos e dos livros dos mortos do antigo Egito até as predelas da pintura medieval, da Tapeçaria de Bayeux até aos polípticos de todas as Épocas, passando pelos códices pré-colombianos, as vias-crúcis, os E-Makimono (pergaminhos pintados) japoneses, os storyboards de filmes e as fotonovelas modernas, é grande o número de realizações artísticas que parece pedir asilo nessa casa da mãe joana. (GROENSTEEN, 2015, p. 28)

Figura 1 - Quadrinhos de M. Vieux-Bois

Fonte: Monsieur Vieux-Bois, 1827

Figura 2 - Quadrinhos de Down

Hogan's Alley



Fonte: Richard Outcault, 1895

Os hieróglifos e a escrita japonesa, por exemplo, ao relacionar as imagens com o que pretendiam simular em sua escrita, representam um exemplo de grafia similar à escrita simbólica comum aos povos nômades. Com a criação do alfabeto fonético, houve uma diminuição da importância da imagem como forma de representação gráfica do objeto a ser descrito, mas essa mudança se restringiu às camadas mais privilegiadas da população, já que a imagem gráfica continuava sendo um elemento fundamental de comunicação para os povos excluídos e não alfabetizados.

Dentre as inúmeras possíveis origens das histórias em quadrinhos, Rogério de Campos (2022) chama atenção para uma pouco lembrada em obras do gênero, que remete à tradição dos sacerdotes *bhopas* na Índia que contavam suas histórias através de rolos ilustrados. Segundo o autor, foi na Ásia, bem distante dos super-heróis americanos e da sociedade de consumo, que esses quadrinhos foram responsáveis pela difusão do budismo pelo continente, tendo Mao Tsé-Tung um de seus mais famosos representantes nessa antiga tradição artística.

Campos analisa em seu livro seis diferentes origens para os quadrinhos. Além da *phad* indiana, o autor descreve o surgimento dessa arte na Itália (*fumetti*), no Japão (mangá), na Suíça (*littérature em estampes*), na França (*bande dessinée*) e nos Estados Unidos (*comics*). Devido à seleção feita para o produto didático desta pesquisa, analisaremos apenas o caso norte-americano neste subcapítulo, além da origem dos quadrinhos no Brasil (“gibis”) no seguinte. O enfoque nos *comics* se justificam pela ampla popularidade no Brasil.

Vergueiro (2004) afirma que apesar do advento da imprensa no final do século XV, e o seu desenvolvimento nos séculos seguintes, as imagens gráficas continuaram

tendo destaque na comunicação, desta vez alinhadas com os textos tipografados, que cobriam uma ampla gama de assuntos, desde a doutrinação religiosa à disseminação de ideologias políticas, ou mesmo o simples entretenimento. Prosseguindo a análise dos quadrinhos e da história da imprensa, o autor constata que

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentados em uma sólida tradição iconográfica, criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação em massa. Ainda que histórias ou narrativas gráficas contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas, paralelamente, em várias regiões do mundo, é possível afirmar que o ambiente mais propício para seu florescimento localizou-se nos Estados Unidos do final do século XIX, quando todos os elementos tecnológicos e sociais encontraram-se devidamente consolidados para que as histórias em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo. (VERGUEIRO, 2004, p.10)

Neste início nos Estados Unidos, as primeiras histórias em quadrinhos eram publicadas em jornais voltados para as populações imigrantes, e tinham em sua maioria um forte aspecto cômico. O Mickey Dugan de Richard Outcault, mais conhecido como *Yellow Kid*, era o personagem principal das famosas histórias publicadas no *New York Journal*. De fisionomia chinesa, *Yellow Kid* foi o primeiro personagem em histórias em quadrinhos que possuía suas falas representadas em balões, inovação que fez a revista *Hogan's Alley* de Outcault ser sucesso de vendas em 1895. E foi justamente devido a sua popularidade que surge o termo “*yellow press*”, expressão pejorativa que se refere a um tipo de jornalismo focado em matérias sensacionalistas que tinham mais preocupação com a venda do que com a credibilidade das fontes.¹

A partir da década de 1920, presenciamos o surgimento de uma nova era dos quadrinhos, desta vez com os traços mais naturalistas e desenhos mais próximos à fisionomia humana. Eram as histórias de aventuras. Personagens conhecidos até os dias de hoje por grande parte da população foram criados naquele período, como o Popeye, Tintim e Tarzan, todos tendo seus primeiros quadrinhos publicados no ano de 1929, sendo este último responsável pelo conceito de “herói com uma missão”, tão marcante nos quadrinhos e filmes contemporâneos (MOURA, 2012). A grande popularidade dos

¹ Joseph Pulitzer, jornalista húngaro dono do *The New York World*, foi o grande rival de Randolph Hearst, magnata americano e criador do *The New York Journal*. A disputa pelo mercado entre os empresários gerou um aumento das notícias sensacionalistas com suas fontes garrafais e grandes ilustrações, técnica chamada de *Yellow Press* devido a roupa amarela do personagem criado por Richard Outcault. No Brasil esse tipo de publicação é chamado de “imprensa marrom” pois o amarelo foi considerado uma cor alegre e pouco condizente com aquele formato jornalístico.

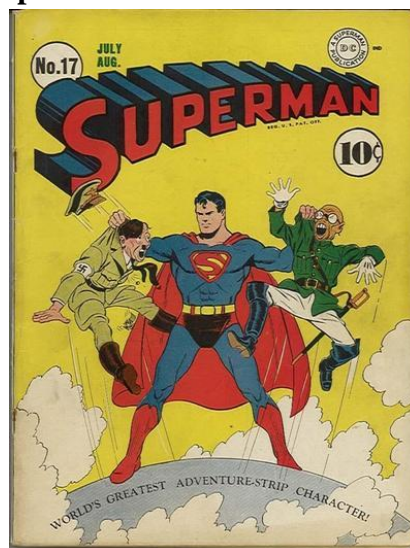
quadrinhos de aventura nos Estados Unidos do período Entre Guerras foi reforçada pelos *comic books*, uma nova forma de publicação em que eram compiladas periodicamente diversas histórias em quadrinhos em uma mesma revista, fazendo com que os consumidores não dependessem mais das tiras de jornais para acompanhar seus personagens favoritos.

A década de 1930 seguiu com o surgimento de diversos novos personagens. *Dick Tracy* (1931), *Flash Gordon* (1934) e *Mandrake* (1934) são apenas alguns dos mais bem sucedidos do período, mas todos serão ofuscados pela criação dos judeus Joel Schuster e Jerry Siegel, em 1938, daquele que viria a ser o primeiro super-herói dos quadrinhos: o *Superman*. Nos anos seguintes, devido ao início da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos presenciaram um aumento da popularidade dos super-heróis, sendo lançados quadrinhos em que os heróis fictícios participam diretamente do conflito combatendo os países do Eixo, destaque especial para as edições de *Captain America Comics #1* (1941) e *Action Comics #49* (1942).

Figuras 3 e 4 - Capitão América e Superman lutando contra Hitler



Fonte: Joe Simon; Jack Kirby, 1941



Fonte: Jerry Siegel; Joe Shuster, 1938

Ao analisar o período pós-guerra e o clima de tensão da Guerra Fria que impactavam diretamente o universo dos quadrinhos, Vergueiro destaca os novos gêneros criados no período e a reação na sociedade norte-americana:

O final da Segunda Guerra Mundial viu o aparecimento de novos gêneros nas revistas de quadrinhos, destacando-se as histórias de terror e suspense, que enfocavam temáticas de gostos duvidosos e traziam representações extremamente realistas. Apesar disso – ou talvez exatamente por isso –, sua popularidade entre os leitores adolescentes continuou a crescer e as tiragens

das revistas tornaram-se cada vez mais altas, levando parte da sociedade norte-americana a ficar preocupada com sua enorme influência sobre os leitores infantis. (VERGUEIRO, 2004, p. 11)

Essa preocupação foi ampliada após a publicação do livro “*Seduction of the Innocent*” (1954), do psiquiatra Fredric Wertham, no qual o alemão radicado nos Estados Unidos denuncia os malefícios das histórias em quadrinhos para as crianças e adolescentes. Apesar dos argumentos rasos e pseudocientíficos do autor, o movimento moralista contra as HQs ganhou força nos Estados Unidos, gerando a criação de um selo para classificar as histórias de “qualidade” que seriam presentes nas capas das histórias, o *Comic Code Authority* (1954). O código gerou o fechamento de diversas editoras, diminuiu a qualidade das histórias e, segundo Vergueiro, fez com que os debates sobre a estética e os valores pedagógicos dos quadrinhos fosse descartado dos meios intelectuais, e os poucos que tentavam tinham suas pesquisas desprestigiadas e consideradas disparatadas (VERGUEIRO, 2004).

A qualidade das histórias em quadrinhos norte-americanas só voltaria a ter uma melhora com a *Graphic Novel*, nova forma de produção dessa arte, onde se destacavam temáticas e vocabulários mais adultos em histórias publicadas com início, meio e fim, uma novidade já que os quadrinhos do período eram de periodicidade semanal ou mensal, apresentando histórias que muitas vezes ficavam inconclusas.

Atualmente, o mercado de quadrinhos norte-americano é amplamente dominado pelo gênero dos super-heróis, muito fortalecido na última década devido ao sucesso de filmes desse gênero. E embora tenha havido um aumento de quadrinhos voltados para o público adulto, a maioria continua tendo como público-alvo crianças e adolescentes.

2.2 A história dos quadrinhos no Brasil

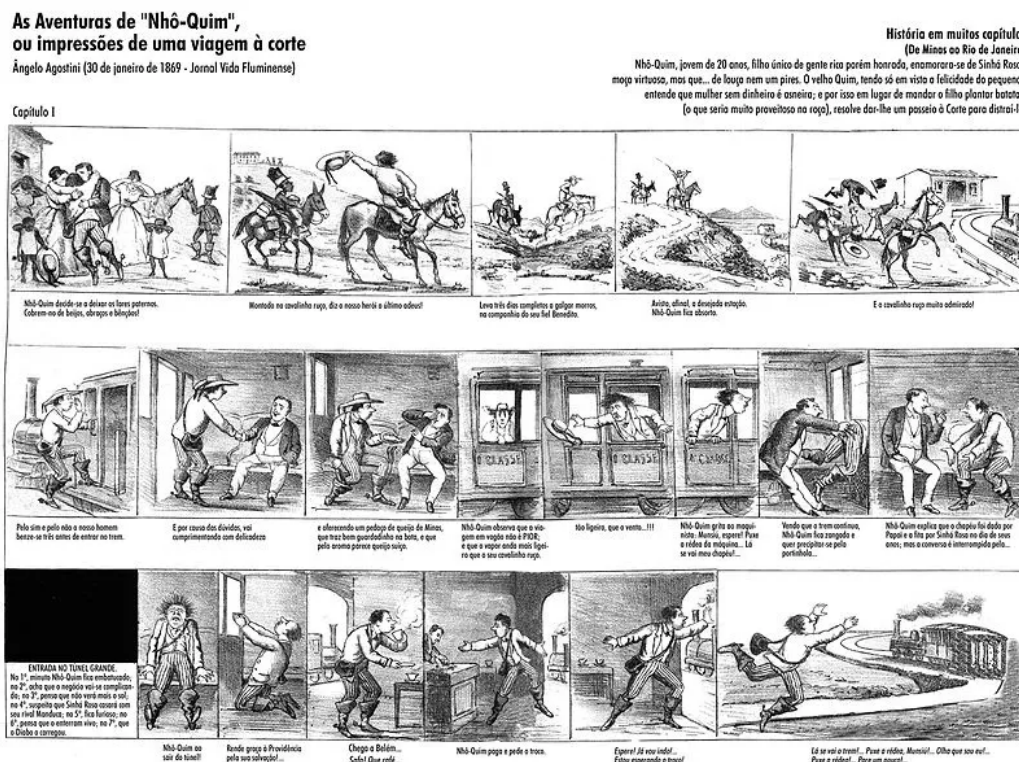
A primeira história em quadrinhos brasileira, então chamadas de “historietas”, foi “As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte” (1869), de autoria do jornalista e ilustrador ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Nascido em Vercelli, Piemonte, em 1843, passou a juventude em Paris onde estudou na Escola de Belas-Artes, e veio ainda jovem para o Brasil, trabalhando como jornalista e ilustrador em diversos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, destacando-se pelo trabalho realizado na *Revista Ilustrada* criada por Agostini em 1875.

Ao organizar e analisar as obras de Agostini, Athos Eichler Cardoso (2013) destaca a importância deste autor pioneiro para as histórias em quadrinhos brasileiras, sempre se posicionando politicamente e sendo, por isso, reconhecido por grandes escritores da época, como José do Patrocínio que o definiu como “o mais brasileiro dos brasileiros”.

Agostini, com exceção de O Malho, era o homem chave das publicações onde trabalhava, mas foi nas páginas da Revista Ilustrada que se agigantou como o maior caricaturista, desenhista de retratos e alegorias, autor de reportagens ilustradas e articulista batalhador pelas causas democráticas que existiram no Segundo Império. Foi um dos maiores defensores da Abolição e seu jornal o principal registro histórico e iconográfico daquela época. (CARDOSO, 2013, p. 22)

Apesar de ter falecido, um tanto esquecido, em 1910, as histórias presentes nas obras *As aventuras de Nhô-Quim* e *As aventuras de Zé Caipora* representaram um marco na produção nacional junto às adaptações de quadrinhos importados, na revista *O Tico-Tico* editada pelo mesmo Agostini em 1905.

Figura 5 - Primeira edição de *As Aventuras de Nhô-Quim* ou impressões de uma viagem à corte



Fonte: Angelo Agostini, 1869

As histórias dos primeiros heróis dos quadrinhos nacionais inspiraram o surgimento de diversas outras revistas do gênero nas décadas seguintes. Em 1933, Roberto Marinho, fundador das Organizações Globo, enviou o repórter Adolfo Aizen para uma viagem turística e cultural aos Estados Unidos. Aizen ficou impressionado com o mercado de quadrinhos americanos, e posteriormente viria a fundar a editora Ebal (Editora Brasil-América Limitada) em 1945, editora que teve grande importância para difundir os quadrinhos no Brasil, responsável por trazer títulos consagrados no exterior, como *Flash Gordon*, *O Fantasma*, *Príncipe Valente*, além de diversos quadrinhos da Disney.

Para concorrer com o *Suplemento Juvenil*, de Adolfo Aizen, Roberto Marinho cria *O Globo Juvenil* (1937) e, após o sucesso de vendas desta, lança dois anos depois a revista *Gibi*. Gibi era um termo que significava “molecote negro” ou “negrinho”, mais especificamente os jovens garotos que trabalhavam vendendo jornais nas ruas das grandes cidades. O termo pejorativo logo tornou-se sinônimo de revistas de histórias em quadrinhos no Brasil, uma vez que a revista era sempre acompanhada pela imagem de “gibi” em suas capas, muitas vezes realçando traços anatômicos da população negra de maneira racista.²

Figura 6 - Logo da primeira edição de *Gibi*



Fonte: Gibi, 1939

Mesmo antes da criação do *Comic Code* nos Estados Unidos, os quadrinhos já sofriam ataques das camadas mais conservadoras do Brasil, especialmente os religiosos, que afirmavam que os gibis estimulavam a delinquência juvenil (JUNIOR, 2004). Os religiosos contavam com o aval de Roma e o apoio de jornalistas descontentes com a

² Este tipo de representação racista do negro era comum em muitas obras da época, sendo *Tintim no Congo* (1931) uma das mais influentes e polêmicas, na qual o quadrinista franco-belga Hergé narra uma viagem do jornalista Tintim ao continente africano representando a população local de forma pejorativa e animalésca.

presença das histórias em sessões de jornais e revistas, os quais direcionavam os ataques aos principais donos das editoras: Roberto Marinho, Adolfo Aizen, Assis Chateaubriand, Victor Civita e César Civita.

Como resposta aos ataques, os editores começaram a investir na publicação de histórias bíblicas e religiosas, além de quadrinhos educacionais e adaptações de obras literárias nacionais, como as coleções *Série Sagrada*, *Ciência em Quadrinhos* e *Grandes figuras em Quadrinhos*.

Figura 7 - Série Sagrada



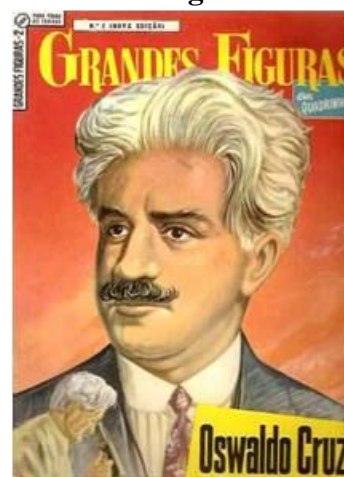
Fontes: Guia Ebal, 2001

Figura 8 - Ciências em Quadrinhos



Fontes: Guia Ebal, 2001

Figura 9 - Grandes Figuras



Fontes: Guia Ebal, 2001

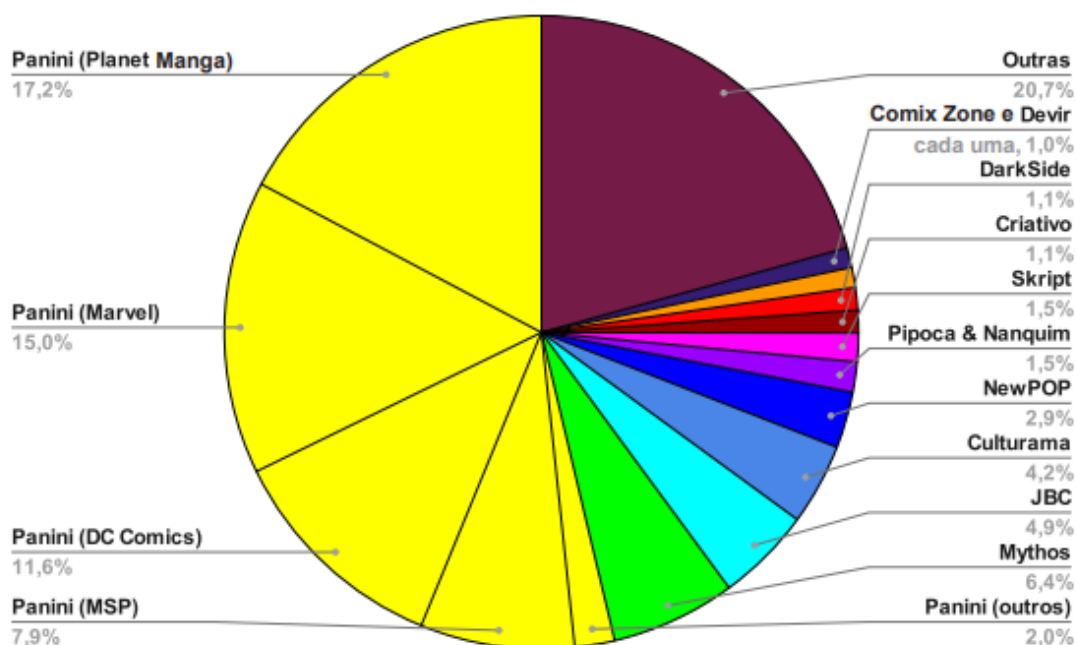
O ano de 1959 foi especialmente marcante para os quadrinhos nacionais devido à criação de *Pererê* de Ziraldo e *Bidu* de Maurício de Souza, dois dos quadrinistas mais conhecidos no país. Este último, também conhecido como o “Walt Disney brasileiro”, é dono do maior império dos quadrinhos do Brasil, cujo principal título *A Turma da Mônica*, furou a bolha do meio e pode ser encontrado em diversas outras mídias e idiomas.

Atualmente, o mercado de quadrinhos no Brasil encontra-se bem aquecido, uma consequência do aumento do interesse em quadrinhos de super-heróis alavancado pelo sucesso de público dos filmes da Marvel nos últimos anos. Dentre as principais editoras que publicam HQs no Brasil, destacam-se a Panini Comics, Mythos, JBC, Culturama, NewPOP e Pipoca & Nanquim.

Segundo o pesquisador e quadrinista Lucio Luiz, responsável pelo Relatório Quadrinhopédia do Mercado Editorial Brasileiro de Quadrinhos, o ano de 2022 foi dominado pela Editora Panini, filial italiana da empresa homônima, representando mais de 50% das publicações nacionais. Distribuídas em selos para cada segmento, destacam-

se a grande porcentagem para títulos do universo de super-heróis e mangás, assim como o selo MSP para as publicações dos quadrinhos da Turma da Mônica de Maurício de Souza.

Figura 10 - Editoras com maior número de títulos publicados em 2022



Fonte: Lucio Luiz, 2023

Tendo em vista a ampla variedade de obras sendo publicadas no país, realizamos uma pesquisa criteriosa para a seleção dos quadrinhos presentes neste Guia Didático, considerando a disponibilidade e o fácil acesso às obras, todas elas possuindo edições recentes, para que os professores que porventura queiram utilizá-las em sala de aula consigam adquiri-las.

2.3 Entendendo a linguagem dos Quadrinhos: Arte Sequencial, Graphic Novel ou Literatura?

Os quadrinhos, ainda pouco explorados, são capazes de provocar emoções, animar uma narrativa, inspirar sentimentos, explicar situações e “fazer a história do Brasil”. E, mais importante, desenhar é contar. E contar é fazer compreender. E para compreender, as técnicas da HQ são fundamentais.

Mary Del Priore

Após fazermos um breve histórico sobre as origens e o desenvolvimento das HQs no Brasil e no mundo ao longo dos anos, é necessário analisarmos teoricamente o campo dos quadrinhos e responder: o que são, afinal, as histórias em quadrinhos?

Definir um significado para um conceito sempre é difícil, principalmente quando este é relativamente recente, envolto em uma longa discussão conceitual e teórica. Em *O sistema dos quadrinhos*, Thierry Groensteen se propõe a definir este campo, ainda que de forma superficial. Para isso, o autor inicia sua obra analisando as diversas definições mal formuladas sobre a “nona arte”³, já que para ele, a maioria das definições

optam pela abordagem essencialista e procuram englobar qual seria a ‘essência’ dos quadrinhos por meio de uma fórmula sintética. Esse empenho está fadado ao fracasso se considerarmos que, longe de verificar a pouca expressão e o infantilismo intrínseco que há muito tempo atribui-se a elas, as histórias em quadrinhos baseiam-se num conjunto articulado de mecanismos que se envolvem na representação e na linguagem e esses mecanismos, por sua vez, governam parâmetros diversos nos quais a interação dinâmica assume formas muito variadas de uma HQ para outra. (GROENSTEEN, 2015, p. 21)

Ao pesquisarmos uma definição nos dicionários, está clara a falta de reflexão sobre a variedade de mecanismos de representações na linguagem dos quadrinhos, e encontramos conceitos genéricos e taxativos como “História narrada por meio de pequenos quadros, ou unidades gráficas compostas por texto e imagem, que ficam dispostos um ao lado do outro, no decorrer de tiras (horizontais ou verticais)”⁴, ou ainda mais simplista como exposta no dicionário Priberiam: “trata-se de uma série de desenhos

³ Após a as leituras sobre estética de Friedrich Hegel e suas cinco formas de arte (arquitetura, escultura, pintura, música e poesia), ao manifesto das sete artes de Ricciotto Canudo (inclusão da dança e do cinema), a inclusão da “*media arts*” (fotografia, televisão e rádio) como Oitava Arte, coube a Claude Beylie e Morris a missão de defesa dos quadrinhos como Nona Arte, iniciada em 1964 com a publicação do artigo “*La bande dessinée est-elle un arte?*”

⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quadrinhos/>. Acesso em: Acesso em: 07 set. 2023.

que representa uma história ou uma situação, geralmente dividida em retângulos sequenciais”⁵.

Um dos mais importantes pesquisadores norte-americanos de HQs, Bill Blackbeard, cria uma conceituação que buscou afastar do campo dos quadrinhos tudo aquilo produzido antes do surgimento do *Yellow Kid* em 1896, ao definir como

Uma narrativa dramática ou uma série de anedotas correlacionadas sobre personagens recorrentes e identificáveis, publicada regularmente, em episódios e sem final determinado, narrada na forma de desenhos sucessivos, contendo frequentemente diálogos em balões ou equivalentes, com texto geralmente mínimo. (GROENSTEEN, 2015, p. 23)

Para evitar um conceito estritamente vinculado a uma local e tempo específico como o de Blackbeard, Groensteen reforça a necessidade de “reconhecer como um único fundamento ontológico dos quadrinhos a conexão de uma pluralidade de imagens solidárias” (GROENSTEEN, 2015, p. 27). Portanto, para o autor, o primeiro critério de ordem funcional dos quadrinhos é a “solidariedade icônica”, que pode ser descrita como uma coleção de ícones apartados e solidários entre si. É a partir dessa categoria que o autor cria o seu “sistema dos quadrinhos”, no qual o conceito de solidariedade é fundamental (GROENSTEEN, 2015, p. 27).

Outro conceito fundamental para o campo dos quadrinhos é o de “arte sequencial”. Proposto pelo quadrinista e teórico Will Eisner, em *Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista*, o conceito se propõe a discutir os dois importantes dispositivos da comunicação dos quadrinhos, as palavras e as imagens. Nessa obra, Eisner analisa a linguagem dos quadrinhos, demonstrando com uma série de exemplos práticos as inúmeras técnicas utilizadas pelos artistas ao produzirem suas obras. Segundo o autor,

As histórias em quadrinhos comunicam numa ‘linguagem’ que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto. A história em quadrinhos pode ser chamada ‘leitura’ num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo. (EISNER, 2010, p. 7)

O sentido mais amplo apontado por Eisner dialoga com a visão freiriana ao abordar a importância da leitura para o desenvolvimento de uma visão de mundo crítica por parte dos estudantes, em especial quando o pedagogo afirma que “a leitura do mundo

⁵ Disponível em: <http://dicionario.priberam.org/historia%20quadrinhos%20HQ>. Acesso em: 07 set. 2023.

precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989). Podemos ir mais adiante ao adaptarmos esta passagem ao mundo dos “gibis”, dizendo que a leitura dos quadrinhos precede a leitura dos “balões de falas” presente neles, já que, em geral, ao lermos uma história em quadrinhos, nossa visão capta primeiro as imagens, e só depois focamos a leitura das falas dos personagens.

A leitura da linguagem dos quadrinhos associada à formação social de seu leitor também foi uma preocupação de Marjory Palhares, que reforça o posicionamento de Will Eisner ao afirmar que

A interpretação do não verbal, assim como do verbal, pressupõe a relação com a cultura, com o histórico, com a formação social do sujeito intérprete. Nesse sentido, na história em quadrinhos são veiculadas duas mensagens: uma icônica ou visual e outra lingüística, que se relacionam, constituindo uma mensagem global. A mensagem icônica e verbal nos quadrinhos não se exclui, mas interagem, combinando de tal forma a ponto de permitir novas possibilidades de encaminhamento e de recepção da mensagem. (PALHARES, 2010, p. 9)

Portanto, é exatamente essa interação entre mensagem icônica e verbal apresentada por Palhares que torna os quadrinhos tão especiais e distintos da literatura. Ao prosseguir em sua análise da arte sequencial, Eisner faz uso de seu talento como quadrinista para investigar mais profundamente essa relação entre palavra e imagem, além de articular uma análise sobreposta entre arte e literatura:

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. (EISNER, 2010, p. 8)

Diante dessa distinção feita pelo autor das regências da arte e da literatura, cabe ressaltarmos que histórias em quadrinhos não são literatura, apesar dessa designação sempre voltar às discussões em períodos próximos a eventos literários ou premiações da área⁶. Para defender esse ponto de vista, Lielson Zeni aproxima os quadrinhos com outras artes, como o cinema, a dança, a música e as artes plásticas, ao afirmar que nenhuma destas são consideradas literatura. Para o autor, não há nenhuma depreciação neste tipo de constatação, já que “a ideia é que todos os tipos de arte – ou cada meio – têm suas

⁶ Em abril deste ano, uma polêmica envolvendo o quadrinista Maurício de Sousa e sua candidatura a cadeira 8 da Academia Brasileira de Letras ganha destaque na mídia. Apesar de derrotado por ampla margem para o filólogo Ricardo Caveleiri, as redes sociais ficaram lotadas de apoiadores do escritor, que defendiam o reconhecimento dos quadrinhos como literatura.

especificidades e características e isso não os torna melhores ou piores, apenas diferentes entre si” (*apud* VERGUEIRO, 2009, p. 207). Além disso, o autor reforça sua posição ao afirmar que

Dizer que quadrinhos são uma forma de literatura é uma maneira de usar um rótulo social e academicamente prestigiado – o literário – para validá-los ou de chancelar ao interlocutor a presença ou o uso das histórias em quadrinhos. [...] Esse entendimento é corroborado por diferentes autores, como Moacyr Cirne (1977, 2000), Will Eisner (1989) e Daniele Barbieri (1998), para quem os quadrinhos já teriam se "emancipado" e constituído recursos próprios de linguagem. (VERGUEIRO, 2009, p. 84)

Devido ao preconceito ainda existente que vincula as histórias em quadrinhos a um tipo de leitura inferior e destinada a um público infanto-juvenil, na passagem das décadas de 70 para 80 presenciamos o surgimento de uma série de obras curtas e fechadas em um único volume, em forma de livros, com temáticas mais adultas. Tais obras são classificadas como Graphic Novel por Will Eisner, criador do termo, que lança *Um contrato com Deus* em 1978. O gênero logo ganharia destaque com as obras de grandes quadrinistas como Frank Miller, Neil Gaiman e Alan Moore.

Esse prestígio foi acompanhado de prêmios em áreas externas ao campo dos quadrinhos, a exemplo do prêmio Pulitzer, de 1992, vencido por Art Spiegelman com sua obra *MAUS*, e o prêmio literário World Fantasy Awards, de 1992, conquistado por Neil Gaiman com a adaptação de *Sonhos de Uma Noite de Verão*, lançada em *Sandman*. O reconhecimento da arte sequencial logo fez com que fosse confundida com literatura, um erro ainda presente e reforçado por certas premiações, como no caso da categoria exclusiva de histórias em quadrinhos em prêmios literários como o Jabuti.

Apesar de reconhecermos que parte dessa tentativa de afirmar que quadrinhos são literatura seja uma forma de valorizar a arte sequencial, é necessário reafirmar que se trata de produções artísticas distintas, cada uma com sua especificidade. Groensteen (2015, p. 165) afirma que as histórias em quadrinhos constituem uma totalidade orgânica que associa, segundo uma combinatória complexa, elementos, parâmetros e procedimentos múltiplos. Portanto, as histórias em quadrinhos não podem ser classificadas como literatura pois representam uma forma de arte específica e complexa, contendo suas próprias características e particularidades que a tornam única, sendo sua leitura um “ato de percepção estética e de esforço intelectual” (EISNER, 2010, p. 8).

3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEU POTENCIAL PEDAGÓGICO

3.1 Quadrinhos e Ensino de História

O que chamamos realidade é apenas o senso comum de nossa cultura. Ignorar outras culturas é estar cego para outras realidades.

Alan Moore

A utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula vem sendo cada vez mais discutida e implementada nos programas educacionais nos últimos anos. Waldomiro Vergueiro sinaliza a importância da inserção do tema na área educacional através da inclusão das HQs nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) (VERGUEIRO, 2009 p. 6).

Vergueiro é autor e organizador de duas obras recentes fundamentais sobre os benefícios e as formas de utilização das HQs pelos professores da educação básica. São elas: *Como Usar as Histórias em Quadrinhos em Sala de Aula* (2004), livro que faz parte de uma coleção que inclui a integração de outras mídias ao ensino, e *Quadrinhos na Educação: da Rejeição à Prática* (2009), ambas publicadas pela editora Contexto.

Segundo o autor, longe de se tratar de um simples manual prescritivo que o docente transforma em livro didático, o objetivo de seus textos é

Ajudar o professor, o pesquisador, o estudante universitário, o interessado na área a entender melhor a ligação que existe entre educação e quadrinhos, de que forma estes podem ser trabalhados em sala de aula e, principalmente, ajudar o leitor a refletir sobre o assunto e a encontrar seus próprios caminhos. (VERGUEIRO, 2009, p. 6)

Assim como Vergueiro, pretendemos que este Guia Didático seja lido e entendido como uma porta para as inúmeras possibilidades de aplicação das HQs no ensino de História, mas ao contrário das obras de Vergueiro, o enfoque aqui será exclusivamente em obras que deem destaque para personagens excluídos da História (mulheres, negros, judeus, crianças e escravizados).

Em *Quadrinhos na Educação: da Rejeição à Prática*, o autor utilizou como recorte a seleção de quadrinhos feita pelas edições da PNBE, de 2006 até 2009, no qual apresenta uma comparação e os progressivos avanços surgidos a cada nova edição. Criado em 1997, o Programa Nacional Biblioteca da Escola surgiu com “o objetivo de promover o acesso

à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência”, segundo informa o site do Ministério da Educação⁷.

Até a edição de 2006, o foco dos livros selecionados pelo programa estava direcionado às obras literárias, sendo apenas a partir daquele ano que presenciamos um movimento no sentido de inserir os quadrinhos na área de ensino. Ao analisar as obras presentes naquela edição, Vergueiro (2009, p. 11) constatou que dos 225 títulos selecionados pelo governo, apenas 10 eram quadrinhos, constituindo aproximadamente 4,5% do total. Apesar do tímido progresso, as histórias em quadrinhos consistiam apenas em adaptações de obras literárias, demonstrando que o programa considerava os quadrinhos como um gênero literário, ou seja, uma obra de literatura, pensamento que já foi contestado no capítulo anterior deste trabalho.

Vergueiro observa também que a edição do PNBE de 2009 trouxe outro importante avanço ao incluir as histórias em quadrinhos no Ensino Médio, antes exclusivo para o Fundamental, o que demonstrava o antigo preconceito com a área que dizia que as histórias em quadrinhos são leituras para crianças. Ao final de seu diagnóstico sobre o PNBE, Vergueiro (2009, p. 83-85) conclui que, apesar do primeiro passo dado pelo governo, são necessárias certas mudanças de percepção sobre a linguagem dos quadrinhos para que estas possam ser plenamente aproveitadas no ensino. Além da necessidade de distinguir literatura de histórias em quadrinhos, afastando a interpretação atual de que quadrinhos são apenas um gênero literário, também é preciso uma maior divulgação e ampliação do catálogo das obras do programa, para que os professores possam cada vez mais recursos de ensino para suas aulas.

Demonstrando o aumento da relevância das histórias em quadrinhos para o ensino e aprendizagem, a prefeitura do Rio de Janeiro, em parceria com a MultiRio, publicou em 2011 o livro *Quadrinhos: guia prático*, “reconhecendo que as histórias em quadrinhos podem ser de grande auxílio na prática pedagógica e no incentivo à leitura”.⁸ (AVELAR, 2011, p. 4) Destinado a professores e a alunos da Educação Básica, o guia prático foi distribuído para toda a Rede Municipal de Ensino e, embora não seja focado no ensino de História ou de outra matéria específica, serve como um bom material para os alunos

⁷ BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. [Brasília]: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 20 out. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/publicacoes/23-livros/9769-quadrinhos-guia-pratico-2>. Acesso em 30 jan. 2024.

conhecerem os elementos técnicos presentes nas histórias em quadrinhos, como podemos ver nos capítulos sobre o balão, letreiramento, enquadramento e storyboard. De um modo geral, a publicação da prefeitura tem o mesmo objetivo do quadrinista Scott McCloud ao publicar seu *Desvendando os Quadrinhos*. Por se tratar de obras que focam mais nas questões artísticas do que pedagógicas dos quadrinhos, optamos por não as analisar e retomar a atenção aos textos que priorizem as potencialidades para o ensino nas HQs.

Em *Como Usar as Histórias em Quadrinhos em Sala de Aula*, Vergueiro (2004, p. 21-25) além de responder o “como” de seu título, também desenvolve os “porquês” ao fazer uma lista de nove motivos que justificam a utilização das histórias em quadrinhos para auxiliar o ensino:

1. Os estudantes querem ler os quadrinhos;
2. Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente;
3. Existe um alto nível de informação nos quadrinhos;
4. As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos;
5. Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura;
6. Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes;
7. O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar;
8. Os quadrinhos têm um caráter globalizador;
9. Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

Dentre estes motivos escolhidos por Vergueiro, destacamos os de número 1, 7, 8 e 9 como os mais relevantes para o ensino de História por suas aplicações práticas. O primeiro é notável pois todas as vezes que utilizei histórias em quadrinhos em sala de aula, os alunos sempre se mostraram mais interessados em ler essas histórias em vez de simples textos convencionais, principalmente as turmas do Ensino Fundamental. Já o caráter elíptico da linguagem dos quadrinhos, ao ajudar os alunos a pensarem e imaginar as cenas, é um importante fator para o desenvolvimento da criatividade e inventividade, o que auxilia na hora de construir mentalmente uma cena ou evento histórico ensinado pelo professor.

Por ser uma forma de arte muito difundida por todo o mundo, seu caráter globalizador é fundamental para representar diferentes povos e culturas, especialmente com o auxílio da internet, que possibilita a aquisição e acesso a esses produtos. Ao longo do guia didático presente neste trabalho são citados, ao todo, quinze histórias em quadrinhos, sendo que sete delas não são produções brasileiras nem estadunidenses. Essa parte de curadoria foi pensada justamente para reforçar o caráter globalizante dos quadrinhos, e as múltiplas produções em países periféricos e distantes do alcance dos estudantes.

Por fim, e complementando o motivo anterior, os quadrinhos se destacam por poderem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema, característica fundamental para o ensino de História, disciplina que trabalha com temáticas muito diversas ao longo da formação dos alunos na Educação Básica. O mercado de quadrinhos aquecido, assim como a grande diversidade de editoras especializadas no Brasil, somadas à fácil distribuição e entrega dos produtos proporcionadas pelo avanço logístico e a chegada de grandes empresas estrangeiras do setor, produzem um meio propício para a utilização desta mídia no ensino.

Respondidos os “porquês”, resta explicar “como” utilizar as histórias em quadrinhos no ensino de História. Vergueiro (2004, p. 109-110) destaca três diferentes maneiras de trabalhar as HQs pelo professor. A primeira seria para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado. Nesta categoria se encaixam *Cumbê*, com sua representação da dinâmica da casa-grande e da senzala; *Estórias Gerais*, com as especificidades da vida no sertão mineiro; e *Persépolis*, com sua vívida representação do Irã nas décadas de 1980 e 1990.

A segunda maneira enfoca as reflexões das histórias em quadrinhos como registros da época em que foram produzidas, analisando-as como fontes históricas. Neste caso as histórias do Lanterna-Verde e Arqueiro-Verde são excelentes para compreender os Estados Unidos durante os movimentos dos direitos civis dos negros e os de contracultura, especialmente o Hippie e o Beatnik.

A última maneira seria utilizar as histórias como ponto de partida para a discussão de conceitos importantes para a História. Em *A infância do Brasil*, os conceitos de infância e adolescência podem ser problematizados em diferentes períodos de nosso país, e em *O complô*, os alunos poderão refletir sobre os conceitos de antissemitismo e fake news no ambiente europeu, e as terríveis consequências que elas podem causar.

Com relação aos procedimentos de leitura das histórias em quadrinhos por parte dos alunos, ela deve ser feita seguindo os mesmos critérios utilizados para fontes e textos convencionais. Vergueiro (2004, p. 113-115) os enumera elas na seguinte ordem: quem é(são) o(s) autor(es)?; quando e onde foi produzida?; por quem fala?; a quem se destina?; qual é a sua finalidade? Ao responderem estas questões, os alunos estarão indiretamente realizando uma atividade de pesquisa histórica, que pode e deve ser estimulada e ampliada pelo professor.

Portanto, após serem vencidas as desconfianças e preconceitos desenvolvidos ao longo do século passado sobre a utilização de histórias em quadrinhos na Educação, estamos presenciando uma maior integração desse tipo de arte, como recurso pedagógico, ao ensino-aprendizagem. Ao analisarem este presente momento de inserção dos quadrinhos nas escolas, e complementando os motivos apresentados por Vergueiro para o uso das HQs, Severo e Severo afirmam que

a proposta da inserção de HQs na sala de aula (...) é vista como instrumento pedagógico capaz de mediar o processo de aprendizagem do aluno. As HQs possuem uma linguagem fascinante ao agregar o texto escrito e a imagem, ao tempo em que possibilita ao aluno a produção de conhecimento desenvolvendo sua criatividade e o poder de síntese, possibilitando-o apresentar releitura, uma visão satírica, contestadora e crítica dos fatos abordados. (SEVERO, M., SEVERO, D., 2015, p.2)

Desta fala, destacamos a importância da criatividade e do poder de síntese que as histórias em quadrinhos podem despertar, temas que não foram tão desenvolvidos no texto de Vergueiro, mas que merecem nossa atenção. A seguir, entenderemos como as histórias em quadrinhos podem ir além do ensino convencional de História e abordar outras histórias que a historiografia tradicional ignorava e marginalizava.

3.2 Os excluídos da História como protagonistas na sala de aula

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Leandro Vieira – Samba Enredo da Mangueira

O samba-enredo que deu vitória à escola de samba Estação Primeira de Mangueira, no carnaval de 2019, é repleto de referências históricas e críticas à forma de se ensinar a História em nosso país, em especial quando afirma que vai contar “a história que a história não conta”. Apesar da frase marcante, discordamos desse pensamento pois esta outra história, “o avesso do mesmo lugar” é sim ensinado nas escolas por excelentes professores, por mais que o currículo da disciplina ainda privilegie a história oficial dos grandes heróis da nação e este ainda seja o pensamento comum daqueles que já se formaram há mais tempo. Contudo, é notável a qualidade de sua letra e o grande impacto causado por seus versos, um bom exemplo de que a História pode ser feita e contada em outras mídias e ainda assim gerar boas reflexões sobre esses sujeitos da História por muito tempo silenciados.

Ao buscarmos “outras histórias” em outras mídias como o cinema, nos deparamos com o excelente *Uma história de amor e fúria*, filme animado de 2013, escrito e dirigido por Luiz Bolognesi. No longa, acompanhamos a história do tupinambá Abeguar lutando contra as “forças civilizatórias” em três períodos distintos da História do Brasil, inicialmente contra os portugueses no século XVI, depois contra as tropas do Exército na Revolta da Balaiada durante o período regencial, e como um guerrilheiro urbano contra as forças da Ditadura Militar. Indígena, negro alforriado e subversivo, sempre ao lado dos excluídos da História.

Ao narrar a repressão conduzida por Luís Alves de Lima e Silva (futuro Duque de Caxias) contra os revoltosos que tomaram a cidade de Caxias (MA), durante a Balaiada,

o protagonista do filme critica a narrativa tradicional da História que por muito tempo valorizou apenas os “grandes heróis” construídos pela historiografia oficial. Segundo Abeguar: “Fizeram muitas estátuas para o ‘herói pacificador’, conhecido como o patrono do Exército brasileiro. Meus heróis nunca viraram estátua. Morreram lutando contra os caras que viraram.”

A inspiração maior para o título desta pesquisa vem do livro *Os excluídos da História*, da historiadora francesa Michelle Perrot, organizado por Maria Stella Martins Bresciani. Nele, Perrot analisa, em uma série de artigos, três grupos sociais periféricos (operários, mulheres e prisioneiros) que, apesar de serem estudados pela visão da França do século XIX, trazem grandes reflexões sobre como abordar esses sujeitos nas aulas de História. Mais do que excluídos da História, esses grupos sociais eram excluídos das narrativas da História convencional, sendo relegados pela maioria dos historiadores ao longo de boa parte do século passado, e finalmente resgatados pelo novo olhar de Michelle Perrot e outros importantes historiadores, como E. P. Thompson em seu livro *A Formação da Classe Operária Inglesa*.

Apesar de ser amplamente conhecida no Brasil pelos seus estudos sobre a história das mulheres, Perrot iniciou sua trajetória no campo da história social, influenciada pela teoria marxista e foucaultiana, quando publicou diversos artigos sobre a classe operária (PEDRO, p. 1). Em um desses artigos, Perrot afirma que

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência – à hierarquia, à disciplina – que derrotam a racionalidade do poder, enxertadas sobre uso próprio do tempo e do espaço. Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história (PERROT, 2017, p. 224).

Além da historiadora francesa, outra grande inspiração para esta pesquisa foi o tema escolhido para a edição de 2019 da Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB).⁹ Com o título “Excluídos da História”, alunos de todo o Brasil participaram da produção de um mini livro didático contendo informações biográficas e históricas de um personagem ausente dos livros didáticos tradicionais. Os alunos deveriam escolher um personagem e responder as seguintes questões:

⁹ Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/>. Acesso em: 4 fev. 2024.

1. Quem são os sujeitos da História que por muito tempo não mereceram datas comemorativas, monumentos ou destaque dentro dos livros didáticos?
2. Quem são os sujeitos históricos que, embora estudados pelos historiadores e cientistas sociais atualmente e muitas vezes mencionados em sala de aula pelos professores, são rejeitados por parte da sociedade, pela narrativa dominante dos meios de comunicação de massa e até mesmo por uma parcela dos estudiosos que prefere negar a sua importância?
3. Por que alguns protagonistas trazem desconforto às narrativas estabelecidas?

Acreditamos que as três perguntas são excelentes para gerar uma reflexão nos alunos sobre a necessidade desses sujeitos históricos excluídos serem trabalhados na sala de aula. Contudo, destacamos a terceira questão devido à importância dada ao desconforto nas narrativas dos protagonistas “esquecidos” do passado, pois defendemos que uma boa aula de História deve gerar incômodo nos alunos, desconforto, precisa gerar sentimentos diversos nos alunos que façam com que estes reflitam de forma ativa sobre o processo histórico.

Há quase um século Walter Benjamin já defendia uma visão crítica da História semelhante a esta em suas teses *Sobre o conceito de História*, ensaio teórico de cunho marxista no qual o autor afirma que é necessário escovar a História a contrapelo, revirá-la e dar voz aos “vencidos”:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1985, p. 225)

É seguindo esta perspectiva da História que desenvolvemos o guia didático a seguir, que reúne histórias em quadrinhos com relatos muitas vezes desconfortáveis sobre grupos sociais excluídos da História.

4. PRODUTO PEDAGÓGICO

Introdução

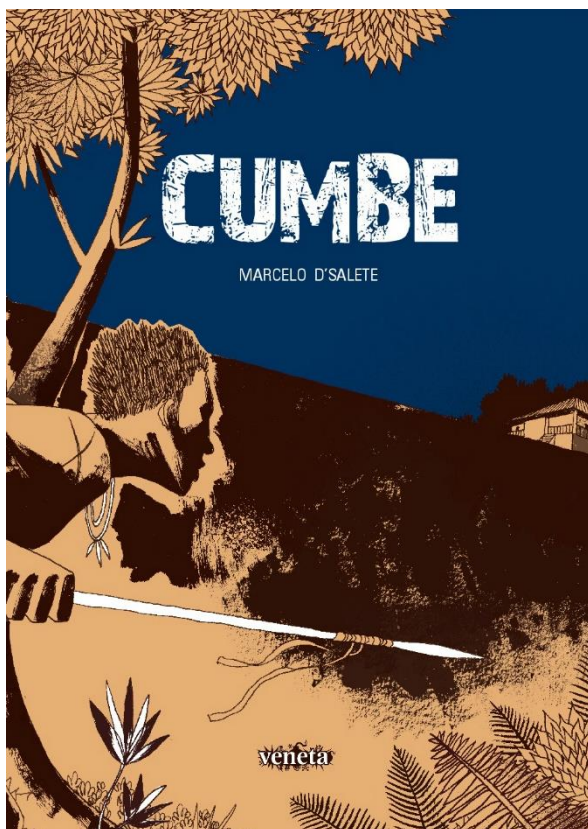
A ideia da criação deste guia didático surgiu ainda quando estava na graduação, mas devido ao pouco prestígio e à ausência de professores que trabalhassem com quadrinhos e ensino na instituição da qual fazia parte, deixei o projeto de lado, apenas retornando nesta especialização em Ensino de História. Além disso, por muito tempo aceitei o estereótipo que associava os quadrinhos à infantilidade, sentindo certa vergonha de utilizar essa forma de arte como fonte para possíveis pesquisas acadêmicas.

Somado ao grande interesse por histórias em quadrinhos que apresento desde a infância, outro fator fundamental para a criação deste guia foi o apoio recebido na escola em que leciono, a qual permite que eu utilize materiais alternativos e me dá mais liberdade na hora da realização do planejamento dos conteúdos.

Por ser uma ONG localizada na comunidade do Pavão-Pavãozinho, zona sul do Rio de Janeiro, essa escola estimula os professores a utilizarem meios para despertar o interesse dos alunos nos estudos, muitos deles em situação de vulnerabilidade social e econômica. Dessa forma, utilizar exemplos de personagens tradicionalmente excluídos da História nas aulas tornam o ensino mais significativo, gerando maior engajamento dos alunos.

Além da já manifestada inspiração no livro *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*, organizado por Waldomiro Vergueiro, pretendemos ampliar as possibilidades de obras em quadrinhos e suas possíveis aplicações em sala de aula, somadas aquelas presentes na obra de Vergueiro e nas PNBs analisadas nesta pesquisa.

Por fim, espero que este guia didático seja útil de alguma maneira para você, e que as ideias presentes nele contribuam com aulas de História mais lúdicas, dinâmicas e divertidas.



Título: Cumbe

Autor: Marcelo D'Saete

Ano de publicação: 2014

Conteúdos: a escravidão na colonização da América Portuguesa; A escravidão africana no Brasil; Economia e sociedade açucareira.

Séries de aplicação: 8º ano do E.F. e 2º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI11, EF08HI16 e EF08HI17

Excluídos da História: Africanos escravizados e quilombolas

Sinopse: Em *Cumbe*, Marcelo D'Saete retrata de forma inovadora a luta dos negros no Brasil colonial contra a escravidão. O livro traz histórias em quadrinhos emocionantes, protagonizadas por escravizados, mostrando a resistência contra a violência das senzalas brasileiras. Cumbe, a palavra banto que dá nome à obra, é rica em sentidos: é o sol, o dia, a luz, o fogo e a maneira de compreender a vida e o mundo. Também é um sinônimo de quilombo.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://veneta.com.br/produto/cumbe-edicao-ampliada/>. Acesso em: 7 jan. 2024.

Proposta pedagógica:

Devorei o conteúdo em um dia. De quadrinho em quadrinho ia ficando tenso e curioso ao mesmo tempo.

Cumbe merece destaque tanto por divertir como informar sobre o tema escravidão no Brasil de forma diferente. Personagens negros protagonistas, não só da trama, como da história e também no sentido de sua personificação... um personagem sujeito, não apenas objeto...

Filipe Harpo (Película Negra)

Dentre os seis quadrinhos selecionados para este guia, apenas *Cumbe* foi escrito por um professor da educação básica, um diferencial que pode ser notado pela preocupação com a pesquisa na produção de sua obra. Marcelo D'Saete é professor de artes da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, e além de *Cumbe* é também autor de *Angola Janga* (2017), outro quadrinho premiado internacionalmente que trata da questão da escravidão no Brasil.

Cumbe é uma excelente obra para trabalhar Brasil colonial na educação básica, pois além de ser de fácil e rápida leitura, apresenta diversos elementos importantes para o ensino de História, como a resistência dos escravizados africanos, os diversos espaços da fazenda de cana-de-açúcar, em especial a casa grande e a senzala, e nomes e expressões de origem Bantu (*cumbe*, *calunga*, *mocambo*, *nsanga* e *quibungo*) seguidas de seus significados no glossário da obra.

Desde a promulgação da lei 10.639 em 2003, que obriga as escolas a trabalharem conteúdos de estudo da história e cultura afro-brasileira, presenciamos um aumento significativo na presença dessa temática na educação básica e nos livros didáticos de História. Dentre as diversas formas de utilizar de *Cumbe* no ensino de História, D'Saete destaca a possibilidade de trabalho interdisciplinar com as disciplinas de artes e português.¹¹

Além disso, D'Saete vai de encontro com a perspectiva de ensino de História vista de baixo, das camadas subalternas e exploradas. Segundo ele, *Cumbe*

É um livro que trata sobre o Brasil colonial a partir da perspectiva negra e, de certo modo, periférica. Aborda os povos de origem Bantu, de origem dos antigos reinos de Angola e Congo. Penso que é importante apresentar essas outras narrativas na educação, a história sendo contada por negros, mas também mulheres e indígenas. É apresentada uma história do Brasil mais complexa. (D'SALETE, 2018)

¹¹ Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/hq-sobre-escravidao-premiada-internacionalmente-pode-ser-utilizada-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 7 jan. 2024.

Essa complexidade não se resume apenas à história. A linguagem da obra pode apresentar certa dificuldade devido ao número reduzido de falas, fazendo com que os alunos tenham que interpretar cada quadro de suas páginas. Esta inclusive é uma das formas com que o autor costuma trabalhar as histórias em quadrinhos em suas aulas,

Há o momento da leitura e de relatar o que leram e viram, e pensar o modo como o artista utilizou o desenho e o texto. Analisar as relações que podem ser estabelecidas com a história e a sociedade de hoje a partir do que o artista propõe em seu trabalho. Por fim, falar da estrutura da história em quadrinhos e experimentar esse gênero. Muitas vezes, eles colocam no papel narrativas que estão relacionadas ao seu cotidiano e os temas que estão discutindo. (D'SALETE, 2018)

Essas potencialidades pedagógicas apresentadas pelo autor reforçam a importância dessa excelente obra e deixam exemplos práticos para os demais professores de história utilizarem para falar sobre escravidão, um tema tão difícil de ser trabalhado quanto necessário. Para isto, a violência presente em *Cumbe* pode ser entendida como uma forma de conscientizar os alunos sobre os horrores daquela prática, assim como destacar as diversas formas de resistência dos escravizados.



Título: A infância do Brasil

Autor: José Aguiar

Ano de publicação: 2017

Conteúdos: História das crianças no Brasil

Séries de aplicação: 8º ano do E.F. e 2º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI17 e EF08HI18

Excluídos da História: Crianças, órfãos e enjeitados no Brasil

Sinopse: Ao longo dos séculos, as crianças brasileiras sempre precisaram enfrentar violentos obstáculos sociais desde o nascimento. Em uma colonização masculina a partir do século XVI, o ato de nascer era marcado por uma violência tanto sobre a criança quanto sobre a mãe. Ainda no Período Colonial, a posse dos menores era disputada por colonizadores e jesuítas. Crianças abandonadas sempre estiveram nas ruas das principais cidades. Até o final do século XIX, a escravidão tornava as crianças negras objetos pessoais, um problema que afetava, obviamente, também adultos negros. A desigualdade socioeconômica se acentuou com a urbanização crescente no século XX, um problema que continua a assolar o país atualmente. Foi diante desse contexto de mais de 500 anos que o quadrinista José Aguiar criou imagens impactantes para uma narrativa ilustrada da infância no Brasil.

Proposta pedagógica:

Saiba
 Todo mundo já foi neném
 Einstein, Freud e Platão também
 Hitler, Bush e Sadam Hussein
 Quem tem grana e quem não tem

Saiba
 Todo mundo teve infância
 Maomé já foi criança
 Arquimedes, Buda, Galileu
 e também você e eu [...]

Arnaldo Antunes

Mais recente dos seis quadrinhos integrantes deste guia didático, a obra de José Aguiar é visualmente e historicamente rica. Mestre em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR, Aguiar escreveu e desenhou *A Infância do Brasil* com a consultoria da historiadora Claudia Regina Baukat Silveira Moreira, que produziu, a pedido de Aguiar, artigos direcionados aos conteúdos abordados em cada episódio da HQ. Seus textos foram compilados no tópico “Contexto histórico” logo após o final da história em quadrinhos, e além de complementar a história original, reforça o valor dos quadrinhos para o ensino de História.

As 32 páginas de conteúdo adicional da edição da editora Nemo contam também com a sessão “Para saber mais”, na qual o autor analisa alguns quadros e articula seus desenhos às explicações historiográficas de Claudia Moreira. O capricho da edição somados à atenção pedagógica presente na obra foi reconhecido por Mary Del Priore, uma das primeiras historiadoras brasileiras responsáveis por escrever e organizar um livro-manual sobre a infância no Brasil, o livro *História da Criança no Brasil*, de 1991. Ao analisar a relevância das histórias em quadrinhos para o ensino de História, Del Priore constata que

Os quadrinhos são baseados em legítima historiografia e retracam temas de sociedade, nos convidando a refletir, a nos conhecer melhor. Longe de convocar “grandes homens” ou “episódios de batalhas”, o quadrinista recupera a história da infância no Brasil, mostrando que, há mais de cinco séculos, crianças brasileiras sofrem os mesmos problemas: violência, pobreza, fome, desigualdade na educação, na saúde e na cidadania. E, por que não, sofrem de desamor. (PRIORE, *In*: AGUIAR, 2018, p. 7)

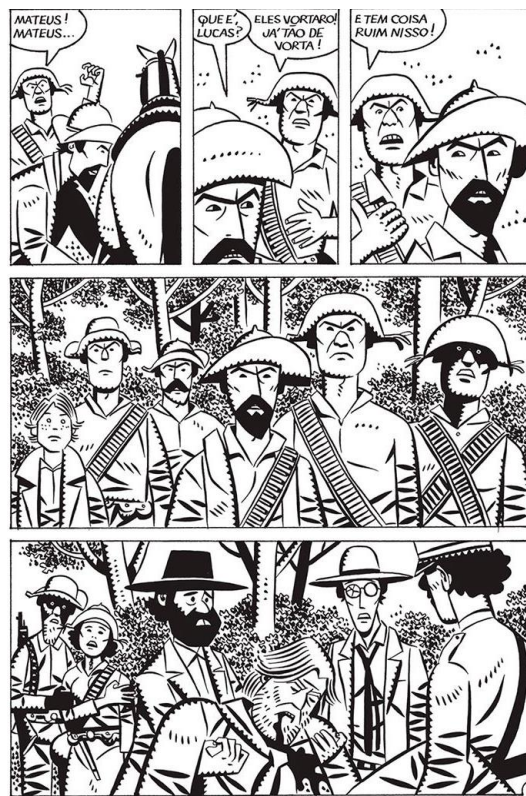
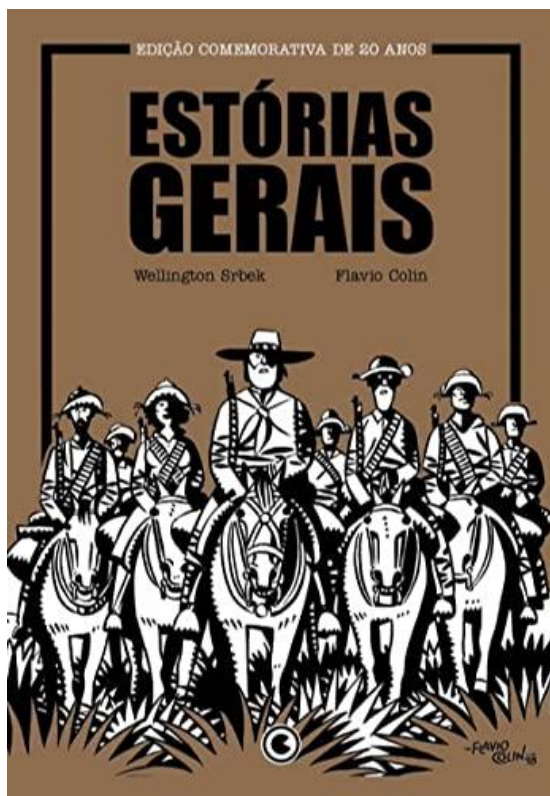
José Aguiar organiza sua história em seis capítulos curtos nos quais expõe esses problemas enfrentados pelas crianças brasileiras de forma brilhante. Cada capítulo representa um século de nossa história e das fases de “amadurecimento” do Brasil. São

eles: Século XVI – Nascer (violência contra as “negras da terra” e a expectativa do filho homem); Século XVII – Trocar (catequização dos jesuítas e ataques dos bandeirantes); Século XVIII – Delegar (abandono infantil nas rodas dos enjeitados das Santas Casas de Misericórdia); Século XIX – Reter (questão da escravidão e das leis abolicionistas); Século XX – Responsabilizar (mundo do trabalho na Era Vargas); Século XXI – Perpetuar (as crianças no Brasil nos dias atuais).

Além do quadrinho físico em si, outro importante recurso pedagógico e de pesquisa é o site homônimo criado pela equipe criativa do quadrinho.¹² Nele estão presentes notícias sobre a obra, uma coletânea de extras, inclusive os artigos sobre o contexto histórico da obra, além da disponibilização integral do capítulo 1 sobre o século XVI para leitura online. O projeto eletrônico é uma excelente alternativa para democratizar o acesso ao quadrinho, e como uma forma de estimular os alunos a fazerem uma pesquisa na internet sobre o assunto.

Esta pesquisa pode servir como um primeiro passo para uma atividade em formato de exposição desenvolvido pelo professor, na qual os alunos poderão contar as suas histórias e fazer um diálogo com as histórias das crianças em cada um dos períodos da história do Brasil. Fotografias pessoais dos alunos poderão servir de montagem e utilizadas em conjunto com fontes textuais e iconográficas para gerar um contraste com a situação de diversas outras crianças no passado. Enfim, uma atividade lúdica que geraria muitas reflexões sobre a infância no e do Brasil.

¹² Disponível em: <https://www.ainfanciadobrasil.com.br/>. Acesso em: 14 jan. 2024.



Título: Estórias gerais

Autor: Wellington Srbek (roteirista) e Flavio Colin (desenhista)

Ano de publicação: 1998

Conteúdos: Primeira República brasileira; República Oligárquica; Embates rurais; Coronelismo.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI03 e EF09HI04

Excluídos da História: Sertanejos e camponeses mineiros

Sinopse: Produzido entre janeiro e outubro de 1998, *Estórias Gerais* é considerado um dos melhores quadrinhos brasileiros já criados. Trazendo roteiro de Wellington Srbek e desenhos de Flavio Colin, a história em quadrinho se passa no sertão mineiro da década de 1920, em meio a coronéis e jagunços, disputas entre bandos rivais e pequenas narrativas fabulosas que se amarram em uma trama maior. Publicado originalmente de forma independente em 2001, o álbum recebeu no ano seguinte o Troféu HQMIX de Melhor Graphic Novel e Melhor Roteirista Nacional e o Troféu Angelo Agostini de Melhor Roteirista e Melhor Desenhista.¹³

¹³ Disponível em: <https://a.co/d/g2gldIe>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Proposta pedagógica:

Estrangeiros somos em todo o lugar e a todo o momento em que nos deparamos com o mundo. Contudo, é apenas quando nos lançamos em direção ao desconhecido, despidos de nossos preconceitos e medos, que podemos, de fato, conhecer a nós mesmos. O resultado desta incrível experiência é a vida.
Wellington Srbek

Considerada um dos maiores clássicos das histórias em quadrinhos do Brasil, *Estórias Gerais* possui imenso potencial pedagógico para a educação básica. Escrito pelo professor e historiador Wellington Srbek, a história é fortemente influenciada por grandes obras da literatura nacional, a exemplo de *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Além das referências literárias, Srbek descreve a importância dos conhecimentos históricos adquiridos na faculdade e da cultura popular para a criação de sua obra:

Os elementos fundamentais da trama já estavam postos: um universo ficcional de jagunços e senhores de terras e a simbologia poética do Brasil interior. A eles se somariam a reflexão histórica motivada pela leitura de *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda e a representação da vida popular presente em canções de Luiz Gonzaga que eu escutava então. Não faltariam também ecos mais anteriores, como o *Carcará* cantado por Maria Bethânia, cuja força quase espectral me impressionava desde criança, além de coisas que assisti na TV, como *O Bem Amado*, *Gabriela*, *Lampião*, *O Tempo e o Vento*, *Roque Santeiro*. (SRBEK, 2021, p. 159)

Graças ao talento artístico do quadrinista Flavio Colin foi possível representar visualmente este “Brasil interior” tão distante dos estudantes dos grandes centros urbanos do litoral. Essa é uma das grandes façanhas de *Estórias Gerais*, criar um universo compreensível de um sertão mineiro para alunos do Rio de Janeiro, habituados a estudar a Primeira República dos grandes eventos políticos da então capitão do Brasil, e só ouvir Minas Gerais quando o professor comentava sobre a dinâmica do “café-com-leite”.

Uma das críticas que escuto de meus alunos sobre a Primeira República é de que se trata de um período da história muito concentrada em eventos políticos e na história de alguns “grandes homens”, em especial os presidentes e personagens que lideraram as principais revoltas daquele período. Faltava povo, e é isto que Srbek nos entrega com as figuras dos sertanejos mineiros, que, segundo o autor, estando “perdidos no meio do sertão, sem os benefícios da civilização, alheios às leis da República e aos sentimentos patrióticos, estes órfãos cívicos só poderiam seguir os vícios e torpes práticas do banditismo”. (SRBEK, 2021, p. 28) Essa fala problemática, dita por Ulisses de Araújo,

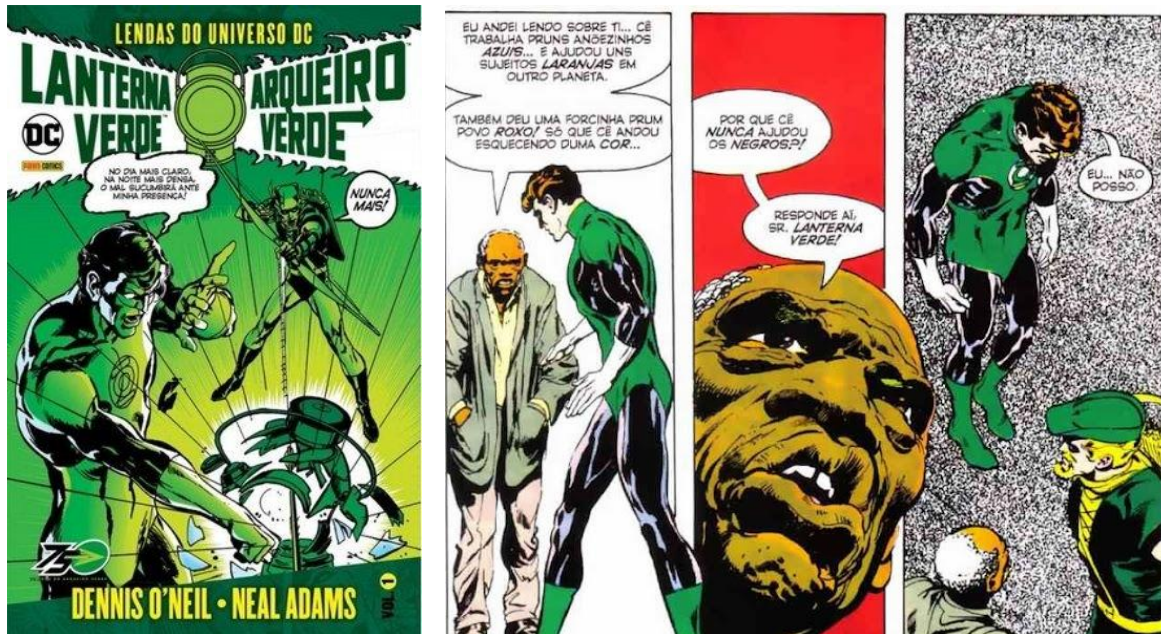
jornalista “civilizado” que vai ao sertão narrar os acontecimentos daquele povo excluído, logo percebe as reais dinâmicas da região e desenvolve grande admiração por aquele povo sertanejo.

Dentre os personagens da história que são relevantes para o ensino de História, temos a figura do coronel Sorturno, o bandido Antônio Mortalma, o tenente Floriano e o ex-escravo Tião Valente, todos muito bem construídos e que poderiam muito bem serem inspirados em personagens reais. Além disso, tanto o fenômeno do Coronelismo quanto a criação da guarda nacional são muito bem descritas na obra, podendo o professor fazer uso da mesma para ensinar de forma lúdica aos seus alunos.

Abaixo vemos o monólogo de uma página em que apresenta o coronel Odorico Pereira:

Da família dos Pereiras, senhores destas gerais. Patente de coronel recebida por meu avô, do próprio Imperador. De sua majestade recebemos também esta espada e a missão de manter a ordem e a justiça. A ordem que tu e teu chefe ameaçam, deixando-me uma única opção: fazer justiça. (SRBEK, 2021, p. 81)

Criada durante o período regencial com objetivo de conter os movimentos sociais que ocorriam por todo o Brasil, a história da Guarda Nacional pode servir como ponte para o cotidiano dos alunos periféricos do Rio de Janeiro, ao relacioná-la com a criação da Polícia Militar e a continuação da prática repressiva do Estado. Desta análise pode surgir uma atividade que destaque as diferentes formas de resistência, tanto de sertanejos quanto de outros sujeitos excluídos, em oposição às ações opressoras dos aparelhos repressivos do Estado.



Título: Lanterna Verde – Arqueiro Verde: na estrada

Autores: Dennis O’Neil (roteirista) e Neal Adams (desenhista)

Anos de publicação: 1970-1972

Conteúdos: História dos Estados Unidos; Segregação racial; Movimento dos direitos civis

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI22; EF09HI23

Excluídos da História: Afro-americanos

Sinopse:

Publicada entre 1970 e 1972 nos Estados Unidos, a história em quadrinhos *Lanterna Verde - Arqueiro Verde: na estrada* apresenta dois super-heróis combatendo problemas sociais reais daquele período, algo inédito em histórias desse gênero voltadas para o público infanto-juvenil. Ao invés de combater monstros ou cientistas loucos, Lanterna Verde e Arqueiro Verde enfrentam racismo, desigualdade, fome, drogas e políticos corruptos. O arco de histórias selecionado aqui é dividido em 18 capítulos, cada um deles contendo histórias com temáticas diversas.

Proposta pedagógica:

Esquece a galáxia, cara... e pensa no nosso país!
 Esta terra é boa, fértil, mas ta doente!
 Tem criança morrendo... gente honesta tremendo de medo...
 molecada desiludida fazendo quebra-quebra nas universidades!
 Um negro muito bom morreu nas ruas de Memphis...
 E um homem branco muito bom morreu em Dallas!
 [...]Desce do pedestal! Vem chorar, rir...experimentar isto aqui! Descobre qual é a nossa situação!

Arqueiro Verde

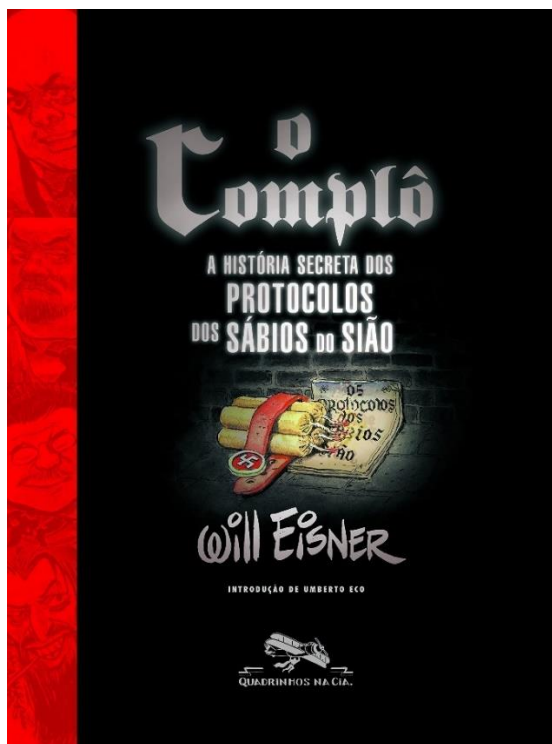
O quadrinho possui um grande potencial pedagógico para ser utilizado em uma aula temática sobre o contexto político e social daquele país nas décadas de 1960 e 1970. Dentre os diversos temas abordados nas histórias, destacam-se o conflito racial e a luta pelos direitos civis, a questão dos povos nativos americanos, o feminismo, a defesa do meio ambiente, a violência e o vício em drogas na juventude.

A potencialidade pedagógica da fonte fica ainda mais clara ao analisarmos a intenção do autor da obra, Dennis O’Neil, que reforça o caráter educativo da história e a antiga ideia positivista de “aprender com os erros do passado para não tornar a repeti-los”:

Eu acalentava a noção de que as histórias em quadrinhos podiam ter função social: esperava que pudessem chamar a atenção de jovens, até de oito ou nove anos, para as contradições do mundo. Essas crianças, começando tão cedo, poderiam ser capazes de encontrar soluções quando adultas.

Além disso, o quadrinho possui grande potencialidade transdisciplinar, podendo ser trabalhado conjuntamente com as disciplinas de sociologia (questão política e racial), artes (estética e arte sequencial), português (roteiro e a linguagem dos quadrinhos), literatura (o gênero quadrinístico) e biologia (preservação ambiental e mudanças climáticas). Devido à grande variedade temática da fonte, a história pode ser utilizada mais de uma vez ao longo do período letivo, dialogando com os conteúdos das diferentes disciplinas citadas.

Por fim, como um exemplo de atividade interdisciplinar, sugerimos a produção de uma história em quadrinhos na qual dois super-heróis, existentes ou criados pelos alunos, viajam pelo Brasil participando diretamente de um evento histórico de nosso passado. A atividade seria realizada em conjunto com as disciplinas de história, sociologia e artes na qual cada professor contribuiria de acordo com seus conhecimentos de sua área de ensino para auxiliar os alunos.



Título: O Complô: a história secreta dos protocolos dos sábios do Sião

Autor: Will Eisner

Ano de publicação: 2005

Conteúdos: Segunda Guerra; Nazismo; Antissemitismo; Holocausto.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI12, EF09HI14 e EF09HI15

Excluídos da História: Judeus

Sinopse: Em 1864, o escritor francês Maurice Joly publicou clandestinamente o livro *O diálogo no inferno de Maquiavel e Montesquieu*, uma sátira ao imperador Napoleão III. Quase trinta e cinco anos depois, o livro caiu nas mãos de Mathieu Golovinski, russo exilado na França a serviço da polícia secreta do tsar Nicolau II. O objetivo dessa polícia era provar a Nicolau II que havia uma conspiração judaica por detrás das revoltas que começavam a assolar a Rússia. Percebendo o potencial do livro de Joly, Golovinski produziu um plágio grosseiro - *Protocolos dos sábios do Sião* -, em que um suposto grupo de judeus influentes descrevia seu plano de dominação mundial, traçado durante um encontro secreto.

O complô conta a história da fabricação dessa farsa, e de como ela se tornou uma das mais duradouras e cruéis peças de literatura antissemita já produzidas. Nesta *graphic novel*, concluída poucos meses antes de sua morte, Will Eisner investiga também por que nem mesmo as inúmeras provas que vieram à tona, já na década de 20, de que os

Protocolos eram falsos, conseguiram minar sua credibilidade. As histórias em quadrinhos, acreditava ele, seriam uma maneira de levar a um público maior a verdade sobre os protocolos. Um dos grandes mestres do gênero, Eisner percorre em *O complô* mais de um século da história da intolerância, sem deixar de lado aqueles que tentaram combatê-la.¹⁴

Proposta pedagógica:

É a profunda necessidade das pessoas em isolar o Inimigo que as leva a acreditar nos Protocolos.

Will Eisner

Uma das perguntas que sempre surgem nas aulas sobre nazismo e Segunda Guerra é o porquê de os judeus serem tão perseguidos pelos nazistas. Por muito tempo minha resposta foi a mais tradicional e esperada, falava sobre a questão da crença na superioridade racial germânica e na questão econômica. Contudo, após ler a obra de Will Eisner, adicionei a mentira como um dos motivos para o antissemitismo latente das primeiras décadas do século XX. E *O Complô* é uma história sobre como a mentira pode influenciar os rumos da história de um povo (ou mais de um se considerarmos os palestinos afetados com a criação do Estado de Israel).

Neste que seria seu último grande projeto, o grande quadrinista Will Eisner nos entrega uma obra produzida após ampla pesquisa histórica e que possui um forte valor afetivo, pois o autor é judeu e filho de imigrantes judeu-americanos que passaram por perseguições na Europa e nos Estados Unidos do período da Grande Depressão. E é falando sobre a motivação da produção do quadrinho que Eisner inicia o prefácio em que afirma que *O Complô* representa um afastamento das simples histórias em quadrinhos, marcando “um esforço em usar esse poderoso meio para tratar de um assunto de enorme preocupação pessoal” (EISNER, 2006, p. 1).

Eisner encerra seu prefácio demonstrando a sua crença na popularidade dos quadrinhos e sua importância como um meio de divulgação histórica para as massas:

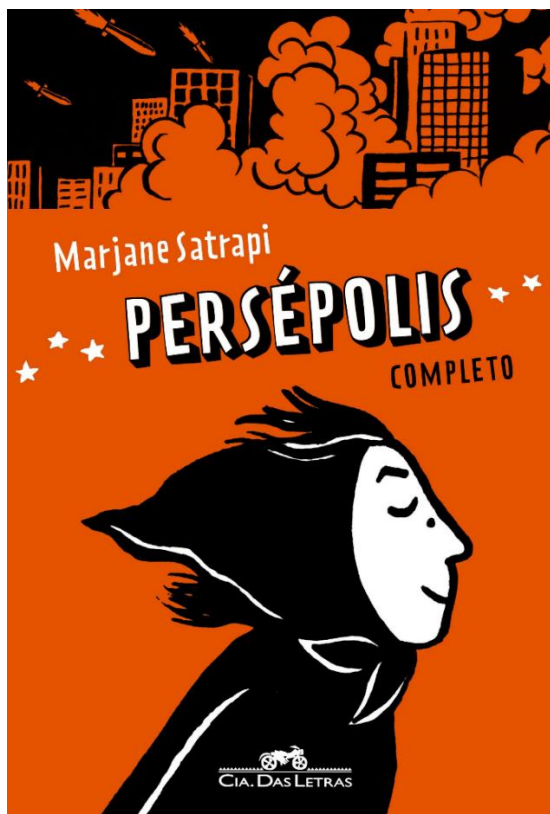
Passei minha carreira usando os quadrinhos como forma de linguagem narrativa. Com a crescente aceitação da narrativa em quadrinhos como veículo de literatura popular, existe agora a possibilidade de lidar de frente com essa propaganda numa linguagem mais acessível. É meu desejo que, talvez, este trabalho fixe outro prego no caixão dessa fraude tenebrosa e vampiresca. (EISNER, 2006, p. 3)

¹⁴ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535909258/o-complo>. Acesso em: 20 dez. 2023.

Uma obra tão relevante para o meio merecia uma edição à altura nas livrarias do Brasil. E isso foi feito com perfeição pela Companhia das Letras que, através do selo Quadrinhos na Cia, produziu uma edição com excelentes textos introdutórios e conclusivos do autor, uma ótima introdução do historiador Umberto Eco e referências das fontes históricas citadas ao longo da obra. Um trabalho editorial que demonstra o respeito pela obra, pelo autor e pelos próprios quadrinhos como forma de arte.

Dentre as diversas possibilidades de atividades com o quadrinho de Eisner, destaco duas. A primeira seria a criação de uma linha do tempo contendo os eventos apresentados na obra em ordem cronológica. Por se tratar de uma história com um grande recorte de tempo, essa atividade estimularia a capacidade de entendimento da temporalidade e da cronologia dos eventos históricos. Além disso, os alunos poderão pesquisar outros eventos que estavam acontecendo no mesmo período de cada um dos pontos da linha do tempo, estimulando assim a noção de diacronismo, fundamental para o estudo da História.

Uma outra possível atividade pedagógica utilizando a obra poderia contar com uma interdisciplinaridade com o português, na qual os professores auxiliarão os alunos na análise de “fake news” do passado e do presente, examinando a forma com que a mensagem era escrita e as formas de divulgação da mentira ao longo do tempo, podendo ser feito inclusive um debate do que foi produzido com a famosa frase de Joseph Goebbels: "Uma mentira dita mil vezes torna-se verdade".



Título: Persépolis

Autora: Marjane Satrapi

Ano de publicação: 2000

Conteúdos: Revolução Iraniana; Conflitos e tensões na contemporaneidade.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI26 e EF09HI27

Excluídos da História: Crianças e mulheres persas; muçulmanos

Sinopse: Marjane Satrapi tinha apenas dez anos quando se viu obrigada a usar o véu islâmico, numa sala de aula só de meninas. Nascida numa família moderna e politizada, em 1979 ela assistiu ao início da revolução que lançou o Irã nas trevas do regime xiita - apenas mais um capítulo nos muitos séculos de opressão do povo persa.

Vinte e cinco anos depois, com os olhos da menina que foi e a consciência política à flor da pele da adulta em que se transformou, Marjane emocionou leitores de todo o mundo com essa autobiografia em quadrinhos, que só na França vendeu mais de 400 mil exemplares.

Em Persépolis, o pop encontra o épico, o oriente toca o ocidente, o humor se infiltra no drama - e o Irã parece muito mais próximo do que poderíamos suspeitar.¹⁵

¹⁵ Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535911626/persepolis-completo>. Acesso em: 14 dez. 2023.

Proposta pedagógica:

Para me educar, tive que entender tudo. Começando comigo, eu, Marji, a mulher.

Marjane Satrapi

Como inserir a participação feminina na história em um currículo cada vez mais reduzido e com quase a totalidade das figuras históricas sendo representadas por homens? Esta é uma dificuldade comum nas aulas de História, principalmente nas escolas particulares que apresentam um projeto pedagógico vinculado exclusivamente aos vestibulares, dando pouca margem (e tempo de aula) para os professores trabalharem a participação e o protagonismo feminino em diversos períodos da história.

É pensando nessa questão que a autobiografia de Marjane Satrapi surge, com uma capacidade de gerar diversas reflexões sobre gênero e sexualidade em um contexto de transformações políticas e religiosas no Irã. Dessa forma, a obra de Marjane, primeira iraniana a escrever uma história em quadrinhos, pode ser utilizada como uma ferramenta para que os alunos compreendam e vejam as mudanças ocorridas naquele país após a destituição do Xá Reza Phalevi e a chegada ao poder do aiatolá Khomeini, responsável por instaurar uma República teocrática islâmica.

A perspectiva de uma “Marji” ainda criança facilita o entendimento do complexo cenário político iraniano, fruto das disputas políticas da Guerra Fria, e das constantes intervenções políticas dos Estados Unidos e da CIA nos conflitos do Oriente Médio. Inclusive, esta obra é excelente para trabalhar o conceito de Orientalismo desenvolvido por Edward Said e promover boas discussões em sala de aula ao refletir sobre as categorias de Oriente e Ocidente.

Em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, o autor palestino analisa as diferentes formas com que o Oriente é representado pelos ocidentais, sempre de forma exótica e caricata. Apesar do conceito de Said ser antigo, seu livro é de 1978, os meios de comunicação perpetuam esta visão superficial e falsa dos países orientais, criando uma visão deturpada sobre a realidade daqueles povos. Sobre esta representação do outro nas mídias, Said observa um

...aspecto do mundo eletrônico pós-moderno é que houve um reforço dos estereótipos pelos quais o Oriente é visto. A televisão, os filmes e todos os recursos da mídia têm forçado as informações a se ajustar em moldes cada vez mais padronizados. No que diz respeito ao Oriente, a padronização e os estereótipos culturais intensificam o domínio da demonologia imaginativa e acadêmica do ‘misterioso Oriente’ do século XIX. (SAID, 1996, p.7)

Infelizmente este pensamento se reflete nas falas de jovens alunos que associam instantaneamente a imagem do árabe com a prática de terrorismo, fruto de uma maciça representação estereotipada do árabe como vilão em filmes e séries hollywoodianos. *Persépolis* representa, portanto, uma forma de combater este orientalismo, ao apresentar o Oriente pelos olhos de uma mulher iraniana.

Além da história em quadrinhos, Satrapi também dirigiu, em conjunto com Vincent Paronnaud, um longa-metragem que adapta a sua obra. Lançado em 2007, a animação homônima se apresenta como uma excelente oportunidade de trabalho interdisciplinar com a disciplina de artes, já que o professor de História pode, ao mesmo tempo em que faz uma atividade comparativa analisando a representação da história nas duas mídias, também pode dialogar com conceitos e técnicas artísticas utilizadas nas mesmas.

Seguindo com essa perspectiva de atividade comparativa, uma outra sugestão de trabalho poderia envolver um diálogo entre *Persépolis* e *A Infância no Brasil*, no qual os alunos responderiam a questões sobre as semelhanças e diferenças entre as realidades das duas obras, ou ainda criar uma história em quadrinho autobiográfica nos moldes de *Persépolis*, mas em um dos períodos históricos presentes em *A Infância no Brasil*. As possibilidades são muitas, cabe a você, professor, conduzir da melhor forma possível os alunos e utilizar essas histórias para enriquecer a aprendizagem em sala de aula.

OUTRAS OBRAS RECOMENDADAS

Título: Angola Janga

Autor: Marcelo D'Saete

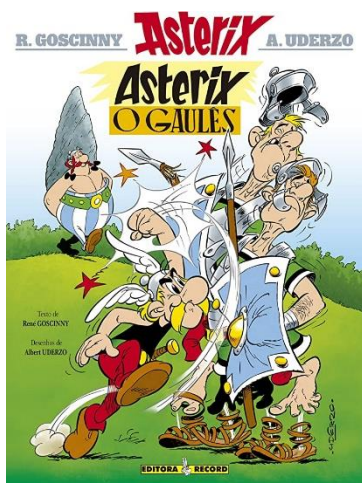
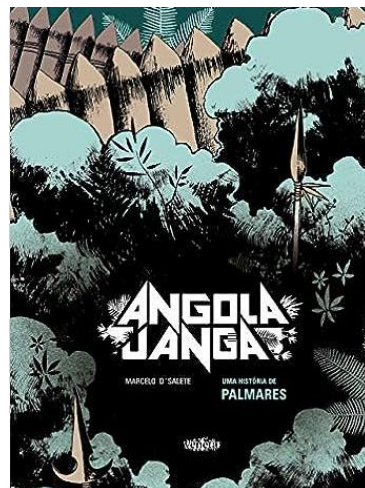
Ano de publicação: 2017

Conteúdos: Brasil Colônia; Escravidão.

Séries de aplicação: 7º ano do E.F. e 1º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI11, EF08HI16 e EF08HI17

Excluídos da História: Africanos escravizados e quilombolas



Título: Asterix, o gaulês

Autor: René Goscinny (roteirista) e Albert Uderzo (desenhista)

Ano de publicação: 1961

Conteúdos: República romana e Império romano; Expansão romana; Queda do Império Romano.

Séries de aplicação: 6º ano do E.F. e 1º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF06HI09, EF06HI10, EF06HI11 e EF06HI12

Excluídos da História: Gauleses e outros povos germânicos

Título: D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil (1808-1821)

Autor: Lilia Schwarcz (roteirista) e Spacca (desenhista)

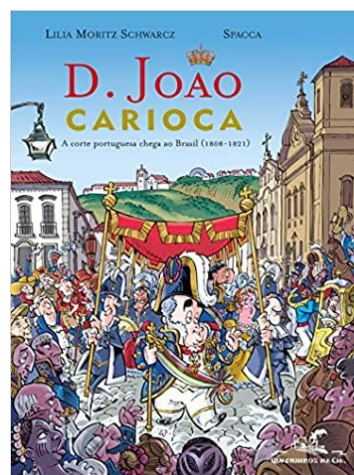
Ano de publicação: 2007

Conteúdos: Período Joanino.

Séries de aplicação: 8º ano do E.F. e 2º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI09 e EF08HI10

Excluídos da História: Escravizados e população pobre do Rio de Janeiro



Título: Gen – pés descalços

Autor: Keiji Nakazawa

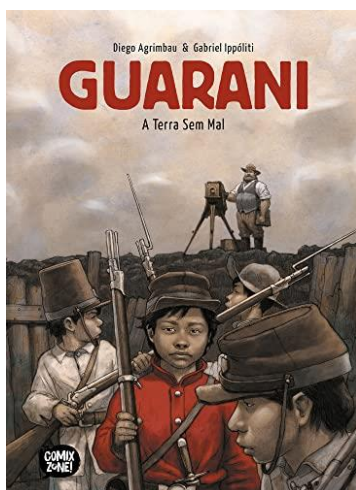
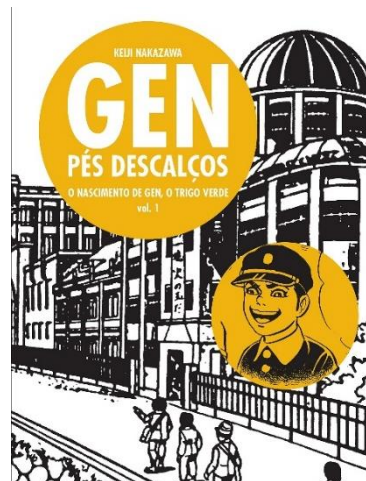
Ano de publicação: 1973-1985

Conteúdos: Segunda Guerra Mundial; Guerra no Pacífico; Guerra Fria.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI13 e EF09HI14

Excluídos da História: Japoneses vítimas de crimes de guerra



Título: Guarani: a terra sem mal

Autor: Diego Agrimbau (roteirista) e Gabriel Ippóliti (desenhista)

Ano de publicação: 2021

Conteúdos: Guerra do Paraguai.

Séries de aplicação: 8º ano do E.F. e 2º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI15

Excluídos da História: Crianças e soldados escravos

Título: Mafalda: feminino singular

Autor: Quino

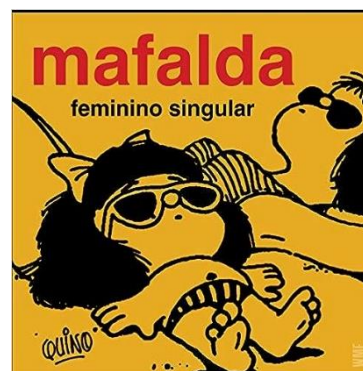
Ano de publicação: 2020 (organização da editora WMF Martins Fontes)

Conteúdos: Feminismo.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI27 e EF09HI28

Excluídos da História: Mulheres



Título: Maus: a história de um sobrevivente

Autor: Art Spiegelman

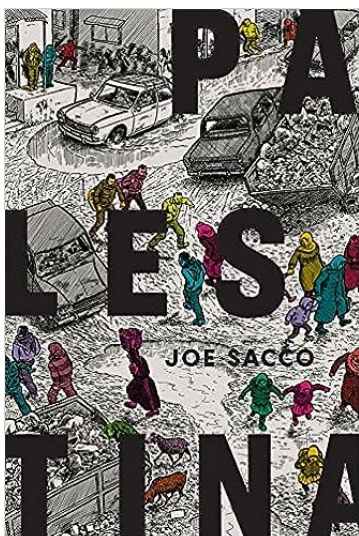
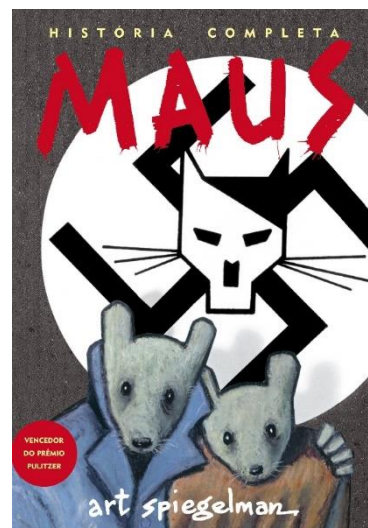
Ano de publicação: 1986-1991

Conteúdos: Segunda Guerra; Nazismo; Antissemitismo; Holocausto.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI12, EF09HI14 e EF09HI15

Excluídos da História: Judeus



Título: Palestina

Autor: Joe Sacco

Ano de publicação: 1993-1995

Conteúdos: Conflitos árabe-israelenses.

Séries de aplicação: 9º ano do E.F. e 3º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF09HI13 e EF09HI14

Excluídos da História: Árabes palestinos

Título: Tintim no Congo

Autor: Hergé

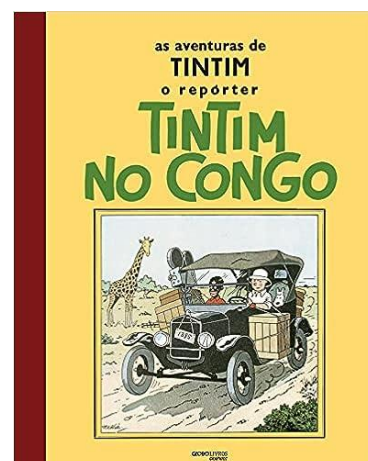
Ano de publicação: 1930

Conteúdos: Imperialismo; Racismo.

Séries de aplicação: 8º ano do E.F. e 2º ano do E.M.

Competências e habilidades BNCC: EF08HI20, EF08HI23 e EF08HI24

Excluídos da História: Africanos



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos refletir sobre a prática do professor de História e as potencialidades do uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. Sabemos que esta ainda é uma mídia pouco utilizada no ensino de História, por isso desenvolvemos este trabalho da forma mais objetiva e didática possível, para que aqueles que não estejam familiarizados com as HQs possam compreender toda sua complexidade.

Portanto, este Guia Didático propôs uma reflexão sobre um ensino de História que dê voz e protagonismo a personagens e grupos marginalizados, que foram cuidadosamente escolhidos em cada uma das seis histórias em quadrinhos selecionadas para este produto didático. Desejamos que esta contribuição seja útil de alguma forma para os professores que fizerem uso do Guia, e que muitos outros sejam produzidos para aumentar cada vez mais a presença das histórias em quadrinhos nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

- AGRIMBAU, D; IPPÓLITI, G. **Guarani: a terra sem mau**. São Paulo: Comix Zone, 2021.
- AGUIAR, José. **A infância do Brasil**. São Paulo: Nemo, 2022.
- AVELAR, Humberto. **Quadrinhos: Guia Prático**. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas volume 1**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. [Brasília]: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 20 out. 2023.
- CAIMI, Flávia. O que precisa saber um professor de História? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n; 2, 2015.
- CAMPOS, Rogério. **HQ: Uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações**. São Paulo: Editora Veneta, 2022.
- CARDOSO, Athos Eichler (org.). **As aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
- DEL PRIORE, Mary (Org). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.
- D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2018.
- D'SALETE, Marcelo. **Angola Janga**. São Paulo: Veneta, 2017.
- D'SALETE, Marcelo. **Cumbe**. São Paulo: Veneta, 2018.
- D'SALETE, Marcelo. HQ sobre escravidão premiada internacionalmente pode ser utilizada em sala de aula. [Entrevista cedida a] Leonardo Valle. **Instituto Claro**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/hq-sobre-escravidao-premiada-internacionalmente-pode-ser-utilizada-em-sala-de-aula/>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- EISNER, Will. **O complô: a história secreta dos Protocolos dos Sábios do Sião**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. **A importância de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.
- GOSCINNY, R; UDERZO, A. **Asterix, o gaulês**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.
- HERGÉ. **Tintim no Congo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- JUNIOR, Gonçalo. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOURA, Kérsia. **Histórias em quadrinhos: das origens ao uso na sala de aula**. Guarabira-PB, 2012
- NAKAZAWA, Keiji. **Gen pés descalços**. São Paulo: Conrad, 2011.
- NETO, Elydio dos Santos. **História em quadrinhos e práticas educativas**. Os gibis estão na escola, e agora? São Paulo: Criativo, 2015.
- NÓVOA, Antônio (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- OLIMPÍADA DE HISTÓRIA. **ONHB11: Excluídos da História**. Página inicial. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/especiais/excluidos-da-historia/>. Acesso em: 26 de jan. de 2024.
- O'NEIL, Dennis; ADAMS, Neil. **Lendas do universo DC: Lanterna verde - Arqueiro verde**. São Paulo: Panini Books, 2016.
- PALHARES. M. C. **História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História**. 2010.
- PEDRO, Joana Maria. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. **Ponto de Vista**, Rev. Estudos Femininos 11 (2), 2003.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operário, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz & Terra, 2017.
- QUINO. **Mafalda: feminino singular**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SACCO, Joe. **Palestina**. São Paulo: Veneta, 2023.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SANTOS, I. CRUZ, T. HORN. M. O desenvolvimento das Histórias em Quadrinhos no Brasil. **e-Revista LOGO**, v. II, 2011.
- SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- SCHON, Donald A. In: Nóvoa, Antônio. **Os professores e sua formação**. Dom Quixote, Lisboa, 1992.
- SCHWARCZ, Lília Moritz; SPACCA. **D. João Carioca: a corte portuguesa chega ao Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- SEVERO, M.F.S.; SEVERO, D.F. As HQs como ferramenta pedagógica em sala de aula. **Revista Incelências**, v. 4, n.1, jan/jun, 2015.
- SPIEGELMAN, Art. **Maus: a história de um sobrevivente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SRBEK, Wellington. **Estórias Gerais**. São Paulo: Conrad, 2021.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2012.
- VASCONSELLOS, Celso. Metodologia Dialética em Sala de Aula. **Revista de Educação AEC**, Brasília, n. 83, abr. 1992.
- VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- WERTHAN, Fredric. **Seduction of the Innocent**. Davidson: Main Road Books, 1999.
- ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artmed, 1998.